

tros, os grandes aos pequenos? E que he o mundo,  
 mais que hũa habitaçaõ de peixes racionaes, dos  
 quaes huns andaõ ao som das aguas pelas suas con-  
 veniencias, & outros vivem retirados, por não fe-  
 rem perseguidos; comendo-se, & roendo-se huns  
 aos outros de enveja, os grandes aos pequenos, por  
 miseria dos pequenos, & tyrannia dos grandes? Que  
 he o mar, mais do que hum receptaculo, em que ha  
 Rémoras, que detem; monstros, que perseguem;  
 belluas, que amedrentaõ; & Sereas, que encantaõ?  
 E que he o mundo, mais que hum vasto Oceano,  
 em o qual os lisonjeiros saõ as Sereas, que encantaõ;  
 os soberanos, as belluas, que amedrentaõ; os inimi-  
 gos, os monstros, que perseguem; & as bellezas, as  
 Rémoras, que detem? Que he o mar, mais que hũa  
 congregaçã de tam amargofas aguas, que todas, as  
 que nelle entraõ, por mais que em si sejaõ doces, lo-  
 go se tornaõ amargofas? E que he o mundo, por ser  
 hum valle de lagrimas, mais que hum ajuntamento  
 de amarguras, em o qual toda a doçura se converte  
 em amargoz; a doçura da alegria em amargoz de tri-  
 steza; a doçura da exaltaçaõ em amargoz de preci-  
 picio; a doçura da opulencia em amargoz de pobre-  
 za; a doçura do divertimento em amargoz de disgo-  
 sto; a doçura do descanço em amargoz de desasso-  
 cego? Finalmente, que he o mar, mais do que hum  
 elemento tam soberbo, & inquieto, que em hum cõ-  
 tinuo fluxo, & successivo refluxo, ordinariamente  
 ferve, incha, brama, & espuma? E que he o mundo,  
 mais que hũa creatura tam inquieta, & soberba, que  
 em continuo movimento pela sua inconstancia, ora  
 enche, & ora vasa; ferve pela impaciencia, incha  
 pela

pela vaidade, brama de colera, & espuma de braveza?

190 Sendo pois por tantos titulos o mundo máo, os seus bens como poderão ser bons? Na Estatua de Nabucho temos o mayor defengano. Tinha ella em a cabeça o ouro, no peito a prata, no ventre o bronze, nos joelhos o ferro, & nos pés o barro. Supponde agora, que estava aquella Estatua no meyo de hũa praça, assim como a firma Hugo, que estão os bens no mundo: *Forum est hic mundus*. Qual seria, o que advertindo, que em hum tam fragil fundamento se sostinha, & estribava hũa tam pezada machina, não avaliaria por louco todo aquelle, que quizesse com firmeza arrimar-se a essa Estatua, fazendo nella segurança? porque com hum fundamento tam fragil, como o barro sustentando sobre si hum tam excessivo pezo, quem não havia temer, que não podendo o barro, sustentar hum tam grande pezo, viesse tudo á terra, servindo de sepultura a quem lá elle se arrimasse, presumindo segurança na sua pouca firmeza? E que outra cousa são os bens temporaes do mundo, mais que hũa realidade daquella imaginação? São hũa estatua composta de differentes metaes; porèm com os pés de barro introduzindo temor, & ameaçando ruina a quem for tam deslumbrado, que faça nelles firmeza presumindolhes segurança. A dez differentes classes se encontraõ reduzidos todos os bens, que há no mundo; o primeiro, he a nobreza; o segundo, o valimento; o terceiro, as dignidades; o quarto, as riquezas; o quinto, a sabedoria; o sexto, a fortaleza; o septimo, a mocidade; o oitavo, a fermosura; o nono, a amizade; o

decimo,

Hugo.

Berchor.

Hugo.

Lauret.

S. Ambr.

decimo, & ultimo a vida. Discorrei agora por todos, & achareis, que em nenhum a realidade desempenha o nome, porque tendo o nome de bens, tem a realidade de males.

191 Que outra cousa vem a fer toda a nobreza do mundo, mais que hũa luz, que cega; hũa antiguidade, que acaba; hum esplendor, que não dura; hum relampago acompanhado de hum trovão, que atroa; hũa vaidade, que incha; & hũa estimação, que engana? A verdadeira nobreza consiste só na virtude; porque só em a virtude tem segurança a nobreza. Que importou aos Fariseos serem pela ascendencia filhos de hum Abrahão: *Patre nostro Abraham*, se pelo procedimento eraõ filhos do diabo: *Vos ex patre diabolo estis*? Que importa ao regato sahir da fonte crystalina, se elle corre immundo? Que importa, que a palma seja mais alta, & a ervinha mais humilde, se ambas tem as raizes na mesma terra? Da mesma cor era o sangue de Abel espalhado pelo campo, que recolhido em as veas. Se attendemos aos principios, mais nobre foi Eva, que Adão; porque este foi nascido no campo, & ella no Paraíso; elle foi formado de barro; & ella produzida de hũa costa; com o que elle era humilde de todos os quatro costados, & ella por aquelle lado era mais nobre, & illustre; & com tudo Adão foi, o que conseguiu o mandado, & a ella faltoulhe o senhorio. Mas que? Foi de tam pouca firmeza em Adão o senhorio, & de tam pouca segurança o mandado, que de soberano Rey, em breve espaço de tempo passou a humilde lavrador. E sendo seus descendentes todos, nenhum quer ser descendente de Adão lavrador, todos sim de Adão Rey; sem advertirem

Joan. cap. 8.

Joan. cap. 8.

abol

Re

vertirem

vertirem inconsiderados, que grandes, & pequenos; humildes, & poderosos; plebeos, & nobres; mechanicos, & illustres, todos haõ de ter o mesmo fim, porque todos tem o mesmo principio; pois se considerarem o seu principio, todos se haõ de achar iguaes; ou na nobreza, para se gloriar; ou na humildade, para se não ensoberbecer.

192 Refere o Euangelista S. Lucas, que Christo em o Bautismo sahira glorioso da agua, porque se abrio o Ceo, & desceo o Espirito Santo sobre a sua cabeça; ouvindo-se a voz do Pay, que o proclamou seu amado Filho. Porém he digno de reparo o estylo, com que o Euangelista propoz nesta occasião a genealogia de Christo. Diz que era o Senhor Filho putativo de Ioseph; que foi de Heli; que foi de Mathat, & de outros muitos: *Ipsè erat incipiens quasi annorum triginta, ut putabatur, Filius Ioseph; qui fuit Heli; qui fuit Mathat, &c.* E depois de haver dito, que o Senhor pela ascendencia de Ioseph foi deste, & foi daquelle; remata, que foi de Adaõ; que foi de Deos: *Qui fuit Adam, qui fuit Dei*; para que saibamos, que ainda o mesmo Christo em quanto homem, tanto que delle se diz, quem foi, & de quem foi, contem na sua genealogia, & na sua ascendencia homens de todos os estados; Patriarchas, Reys, Capitaens, Lavradores, & Officiaes; em os quaes todos se achaõ, & descobrem dous principios; hum no Ceo, outro na terra; na terra Adaõ, no Ceo Deos; & daqui reconheçaõ os homens, que nada vem a importar, que o seu principio immediato seja este, ou aquelle, porque todos assim, ou assim se haõ de achar iguaes em o seu principio; ou obra de Deos, para se gloriar; ou lodo,

lodo, para se não ensoberbecer. Ainda he para notar, quaes naquella genealogia venhaõ a ser os extremos. Hum he Ioseph: *Filius Ioseph*; outro he Deos: *Qui usit Dei*; Ioseph humilde, porque era hum Official pobre; Deos soberano, porque he Rey dos Reys, & Senhor dos Senhores; como Filho de Ioseph, era Christo Filho de hum Official; como Filho de Deos, era Senhor potente, & Omnipotente: conheça pois, & reconheça a vaidade humana, que toda a genealogia, ou póde principiar de humildes, ou originarse de nobres; muitas vezes, a que começa de nobres degenera em humildes, & a que principia em humildes, cresce, & remata em nobres. São as gerações como as arvores, & se cada hũ considerar a arvore da sua geraçãõ, hade achar, q̃ assim como nas arvores ha sobidas, & descidas, assim em as gerações ha ascenso, & descenso. Reparese no ascenso, & no descenso de Christo: desceo do Ceo, & esteve no ventre da Mãy; sobio ao Ceo, & está á mão direita do Pay; como Filho da Mãy na terra, Filho putativo de hum Official; como Filho do Pay no Ceo, Filho Real do Senhor do mundo. Não só por esta razaõ são arvores as gerações; senão, porque assim como as arvores tem as raizes na terra, & os cacumes em o ar; & assim como tem huns ramos mais pingues, & outros mais debeis; huns mais altos, & outros mais baixos; huns verdes, & outros secos; porèm todos da mesma substancia, & da mesma natureza: da mesma forte em as genealogias, ainda que as eminencias se elevem ao ar, as raizes estaõ na terra; & ainda que nos ramos se encontre differença, por serem huns mais pingues, por ricos, & outros mais debeis, por

pobres; huns mais altos, por soberanos, outros mais baixos, por humildes; huns mais verdes, porque pomposos com as folhas da fortuna; outros secos, porque despojados do humor da prosperidade; todos com tudo são da mesma natureza, & da propria substancia. Toda a mayor nobreza se aparenta com a Lua, com o Sol, & com as Estrellas, porque o de que mais blazonaõ, os que são nobres no mundo, he de ser illustres como as Estrellas, filhos do Sol, & netos da Lua; & por essa mesma razaõ não podem ter segurança na sua soberania, porque não ha Sol sem eclipse, Lua sem mancha, & Estrella sem queda; só a quem não tem juizo póde hallucinar este engano, tendo certo o desengano em o dia do juizo; no qual tempo o Sol se hade escurecer, a Lua se hade offuscar, & as Estrellas haõ de cahir: *Sol obscurabitur; & Luna non dabit lumen suum; & Stellæ cadent de celo.* Os mesmos descendentes de Abrahaõ, que haviaõ ser illustres como as Estrellas do Ceo: *Multiplicabo semen tuum sicut Stellæ cæli;* haviaõ de ser tam bem humildes como o pó da terra: *Faciám sementuum sicut pulverem terræ;* para que se desenganem os nobres, que são pó da terra, por mais que presumaõ de Estrellas do Ceo.

Matth. cap.  
24. n. 9.

Genes. cap.  
22. n. 17.

Ibid. cap.  
13. n. 16.

193 O segundo bem do mundo, he o bem do valimento. E que cousa vem a ser o valimento do mundo? O centro das fadigas, o alvo das envejas, o objecto das murmurações, o inimigo do sono, contrario do descanso, & hum continuo sobrefalto. Que segurança póde haver, & que temor não deve causar hum bem, que no proprio nome se equivoca com o mal; válido, & privado; sendo a gloria da privan-

ça hũa privação dessa gloria? Que bem o conheceo Daniel, quando se vio sublimado ao valimento de Nabucho! Estava o Santo Profeta sempre á porta do Palacio, como dando a entender, que semelhantes entradas não vinhaõ a parar em mais, que em ficar hum homem por portas: *Ipsè autem Daniel erat in foribus Regis.* Era Daniel Cortezaõ, era Politico, & era Santo; como Cortezaõ assistia á porta para os correjos; como politico estava á porta, nem despedindo-se, porque se via válido, nem deixando de se despedir, porque por instantes se presumia privado; como Santo, tinha temor de entrar dentro, como quem bem conhecia, q̄ semelhante fortuna não era bem, senão mal. Válido de Faraó foi o mancebo Ioseph; & por divisa do valimento lhe lançou o Rey ao pescoço hũa cadea de ouro: *Collo torquem auream circumposuit*; & não acabaõ de se defenganar, os q̄ se vem presos com esta dita, que ainda que seja de ouro, he cadea; & o que ainda peyor he, que como se fosse cadea, em que estaõ presos por culpas, sahem della para as penas; como se vio em Aman válido de Assuero, que ao proprio passo, que se segurava válido, sahio do Paço para morrer enforcado: *Suspensus est Aman in patibulo.*

Daniel. cap.  
2. n. 49.

Genes. cap.  
41. n. 42.

Esther cap.  
7. n. 10.

194 O terceiro bem do mundo, he o bem das dignidades. E que cousa vem a ser as dignidades do mundo? Hũa eminencia, que deslumbra; fogo, que pára em fumo; & fumo, que muitas vezes dispara em fogo; vapor, que sobe ao ar, para desfazer-se em agua; arvore, que a quebra o vento; torre, que a derruba a tempestade; monte, que o abraza o rayo; & sombra, que se desvanece com o Sol. Da pur-

obscuro

Ee ij

pura

pura passou Ozias á lepra ; da grandeza a arvore de Nabucho á ruina ; da adoraçãõ a estatua ao nada ; na altura poz a escada a Jacob medo ; & porque Absalaõ tinha na dignidade os cuidados, veyo a agonizar pendiente pelos cabellos. A dignidade no Latim diz-se *Præpositio* ; & no Portuguez chama-se, *Preposiçãõ* ; & com razaõ ; porque se o reger, he o mesmo, que governar, sendo proprio da dignidade o governar, da preposiçãõ, como sabem os Grammaticos, he proprio o reger. Mas que rege a preposiçãõ ? Rege o caso, que se lhe segue ; & se *Caso* em Latim, he *Queda* em Portuguez, o que se segue á dignidade, he a queda, porque o que se segue á preposiçãõ, he o caso : mas com esta differença, que ás demais preposições segue-se este, ou aquelle caso ; a hũas o de movimento, a outras o de quietaçãõ : á dignidade porẽm sem a menor quietaçãõ, & com muitos movimentos seguem-se todos os casos : segue-se o *Nominativo*, porque trazem, a quem a logra, entre dentes para o nomear ; segue-se o *Genitivo*, porque logo lhe especulaõ a geraçãõ, que lhe deu o ser ; segue-se o *Dativo*, que se he de proveito antes, he de perda ao depois ; segue-se o *Accusativo*, porque todos trataõ de o accusar ; segue-se o *Vocativo*, porque o chamaõ a juizo para se defender ; atè que ultimamente se segue o *Ablativo*, porque lhe tiraõ o lugar.

195 A dignidade mayor he a Real. E que he a Real dignidade ? He hũa ancia com Cetro, hũa servidaõ com Purpura, hũa inquietaçãõ com Coroa. Bem o conheceo David, quando disse, que coroára Deos ao homem com hum escudo : *Scuto bonæ voluntatis tuæ coronasti eum*. Escudo a Coroa ? Sim ; que se o escudo



escudo he para os golpes, para isso he a Coroa; mas não escudo para reparo dos golpes, senão para supportar os golpes de muitos reparos. Nenhũa outra cousa he hum Rey a respeito dos vassallos, mais que hum servo em throno; que esse foi o mysterio, com que o Euangelista S. Ioaõ se empenhou em declarar o nome daquelle servo do Pontifice, a quem no Horto cortou a orelha Pedro: disse, que era servo, & que o seu nome era Malcho: *Simon ergo Petrus habens gladium, eduxit eum, & percussit Pontificis servum; erat autem nomen servo, Malchus.* Malcho, como diz Iansenio, he o proprio, que Rey; & quiz o Euangelista declarar, que o servo era Malcho, para que conheçaõ os Reys, que se não eximem de servos; são huns servos mais luzidos, porque são enthronizados; mas essas proprias luzes provocaõ contra si os golpes: *Percussit.* Por isso disse o Seneca fallando com as Coroas, com os Reynos, & com os Imperios:

*Quisquam vè Regno gaudet? ô fallax bonum!*

*Quantum malorum fronte quam blanda tegis!*

*Ut alta ventos semper excipiunt juga;*

*Imperia sic excelsa fortunæ subjacent.*

Refere S. Bernardino de Sena, que fizera El Rey Dario fabricar hum throno de ouro, para o qual se sobia por sete diferentes degraos; o primeiro de amethystos, o segundo de esmeraldas, o terceiro de topazios, o quarto de granadas, o quinto de diamantes, o sexto de ouro, o septimo de lodo, & barro: *Rex Darius fecit sibi thronum de auro, & per septem gradus ascēdebat ad eum; primus erat de amethysto, secundus de smaragdo, tertius de topazio, quartus de granato, quintus de adamante, sextus de auro, septimus de luto.* Sendo todos os de-

Joann. cap.  
18. n. 10.

Jansen.

Senec. in  
Opid.

Bernard.  
Senens. tom  
3. Serm. 25.

mais

mais de tam inestimavel preço, o ultimo era de barro, & de lodo; porque toda a gloria do throno por remate, & por ultimo vem a terminar em lodo, & a concluir-se em barro.

196 O quarto bem, que ha no mundo, he o bem da opulencia. E que cousa vem a ser a opulencia do mundo? Hũa sombra, que desapparece; hum engano, que frustra; hum sonho, que passa; & hum nada, que não monta; testemunhe-o o Psalmista: *Dormierunt somnum suum, & nihil invenerunt viri divitiarum in manibus suis*: são hũas fadigas da alma, que trazem trabalho ao adquirir, temor ao conservar, afflicção ao perder; neve, que com o candor recrea, porẽm logo se desfaz; estatua, que com os metaes assombra, & com a ruina lastima; arvore, que com a abundancia convida, & com a queda entristece; são como aquella bebida, que deraõ em o Calvario a Christo; vinho, que deleita; mas fel, que amarga. Aristoteles lhe chamou, locura feliz; Petrarcha, felicidade onerosa; Diogenes, vomito da fortuna; Solon, thesouro dos males, viatico das calamidades, & mineral de malicia; Chrystomo, escravidão peyor que toda a miseria; David, & S. Paulo, laços; Christo finalmente, espinhos. Olhai para o Rico do Evangelho, veloheis rico, mas triste, & triste, porque era rico: *Contristatus est, quia dives erat*. Ponde os olhos no Prodigio, & vereis, que presumindo pelo seu cabedal de senhor, em breve tempo veyo reduzir-se a servo; hontem rico, & hoje pobre; verificando-se nelle o que disse o Poeta, quando affirmou com elegancia, que o que agora era Cresso, de repente será Iro.

Pfalm. 75.  
n. 6.

Aristot.

Petrarch.

Diogen.  
Solon.

Chrysoft.

David.  
S. Paul.  
Luc. cap. 8.  
n. 15.

Luc. cap.  
18. n. 23.

Irus

*Irus erit subito, qui modo Cræssus erat.* prolog. in oas  
 Foi Cresso hum Rey opulentissimo dos Lydos; & foi Iro hum mendigo entre os Ithasenses, de quem faz menção Homero; & o que hontem foi Cresso opulento, hoje he Iro mendigo; porque o dinheiro, como he corrente, não pára, & sempre foge; como advertidamente notou S. Agostinho, quando disse, que com razão era o dinheiro redondo, para sempre correr, & nunca parar; se não he corrente, não he dinheiro; & se he dinheiro, não pára, porque he corrente: *Non immerito ipsa pecunia rotunda signatur, quia non stat.* Toda a opulencia, & grandeza de Ierusalem mandava Deos a Ezechiel, que descrevesse em hum ladrilho: *Sume tibi laterem, & describes in eo Civitatem Jerusalem;* porque a opulencia mayor do mundo toda se vem a resumir a hum pequeno de barro, sendo certo, que nas riquezas do mundo, nem tudo que luz he ouro.

Aug. Serm. ad Fratr. in crem. & prolog. in Psalm. 83. Ezech. cap. 4. n. 1.

Ezech. cap. 4. n. 1.

197 Quatro Estatuas se achão na sagrada Escritura, todas figuras expressas das opulencias mundanas. A primeira, a que adoráraõ em o deserto os Hebreos; a segunda, a quem prestavaõ cultos os Samaritanos; a terceira, a que tributavaõ holocaustos os Babylonios; a quarta, a de Nabucho tantas vezes reperida, quantas vezes admirada. Porèm he muito para reparar, em que sendo as tres primeiras todas formadas de ouro; a quarta não só de ouro, mas de prata, bronze, ferro, & ultimamente de barro era composta, & formada. E pois se em todas ellas se figuravaõ as riquezas, porque não são todas ellas formadas sómente de ouro, senão que tres de ouro, & hũa de ouro, prata, bronze, ferro, & barro? A razão

notisg

zaõ

zaõ he; porque aquellas tres primeiras foraõ fabricas dos homens para a offensa de Deos; a quarta foi extractura, que compoz, & dispoz Deos para defengano dos homens: os homens conforme o seu engano formáraõ-nas todas de ouro, porque se lhes representa ouro tudo, o que nas riquezas luz; Deos para o nosso defengano formou a sua com pès de barro; para nos insinuar, que nas riquezas do mundo, nem tudo o que luz, he ouro; por mais, que o que nellas luz, se nos representa ouro para a segurança, he fundado sobre barro, que nos deve causar temor com a ruina: antes de tal qualidade he o ouro das riquezas, que quanto mais estimaçaõ d'elle se faz, tanto menos he. Deo o povo no deserto o seu ouro a Araõ, & lançando-o no fogo, sahio d'elle hum bezerro; adorou o povo ao bezerro, que havia sahido do fogo; & escandalizado Moyfes da sua adoraçaõ, lançou-o outra vez no fogo, & reduzio se a cinza: *Arripiens vitulum, quem fecerant, combussit, & contrivit usque ad pulverem.* De modo que o mesmo ouro duas vezes foi ao fogo com differente successo; da primeira entrou ouro, & sahio idolo; da segunda entrou idolo, & sahio pò: da primeira não o consumio o fogo, senão, que se ouro entrou, ouro sahio; da segunda consumio-o, porque sahio pò, entrando ouro. E porque? Porque da primeira vez, era menor a sua estimaçaõ; era hum ouro possuido, de que os homens se desfaziaõ; da segunda era já a estimaçaõ mayor, porque era hum idolo de ouro, a quem os homens adoravaõ; & como o ouro pelo augmento da estimaçaõ diminue em o ser; em quanto a estimaçaõ foi menos, era ouro; depois que a estimaçaõ foi mais, foi pò; antes gastou-

Exod. cap.  
32. n. 20.

gastoulhe o fogo as fezes, & deixoulhe o ouro; depois consumio o todo, porque todo era fezes: como o fogo descobre a falsidade dos metaes, não lhe descobrio a falsidade, em quanto a estimação era menos, sendo só ouro possuido; mas descobriolha depois que a estimação foi mais, sendo ouro adorado.

198 O quinto bem, que ha no mundo, he o bem da sabedoria. E que cousa vem a fer a sabedoria do mundo? Abelha, que ministra doçura, & aranha, que infunde peçonha; sal, que saborea, mas logo se desfaz; luz, que resplandece, mas logo morre. Digaõ os Sabios da Grecia; digaõ os Antigos Filofofos; digaõ os Poetas discretos, digaõ os Oradores eloquentes; digaõ os Historiadores politicos; digaõ os Platões, os Aristoteles, os Pythagoras, os Polibios, os Tacitos, os Livios, os Tullios, os Bias, os Xenofontes, & os Diogenes, & toda a demais catterva da sabedoria Gentilica, que lhes importou o saber, não se sabendo salvar. Diga Lucifer, diga Adão, diga David, diga Achitofel, diga Salamaõ, em que vieraõ a parar o entendimento de huns, & a sabedoria de outros. Lucifer, que em o nome infinuava sciencia, que isto quer dizer, Cherubim, *Plenitudo scientiæ*; miseravelmente cahio: *Et tu Cherub, quomodo cecidisti?* Adão em o mesmo acto, em que aspirava a ser semelhante no saber a Deos: *Eritis sicut Diis scientes*; pervertido o ser de homem, teve semelhanças de bruto: *Comparatus est jumentis insipientibus*. David, que hontem pedia entendimento para escape da vida: *Intellectum da mihi, & vivam*, hoje affecta locuras para escape da morte: *Vidistis hominem insanum*.

Ezech. cap.

28. n. 14.

Isai. cap. 14.

n. 12.

Genes. cap.

3. n. 5.

Pfalm. 48.

n. 13.

Pfalm. 118.

n. 144.

1. Reg. cap.

21. n. 14.

Achitofel, que pelos seus conselhos era trazido nas palmas, morreo indiscretamente ás suas proprias

2.Reg. cap.  
17.n.23.

mãos: *Achitophel videns, quod non fuisset factum consilium suum... suspendio interiit.* Salamaõ, que foi hum Oraculo

3.Reg. cap.  
11.n.4.

pelos Proverbios, & sabedoria em moço, foi hum escandalo pelas tontices em velho; & veyo a ser tam pouco o seu saber, que não sabemos, se se saberia sal-

var: *Cumque jam esset senex, depravatatum est cor ejus per mulieres, ut sequeretur Deos alienos: nec erat cor ejus perfectum coram Domino Deo suo.* Ultimamente Icaro, que presu-

Zavaleta.

mido quiz adelgaçar as pennas, mentiraõlhe tanto as azas, que veyo a lamentar em o mar das suas lagrimas as chimeras de suas presunções, como disse o Zavaleta.

O sexto bem, que ha no mundo, he o bem da fortaleza. E que coula vem a fer a fortaleza do mundo? Hum roble, que em fim quebra; hũa torre,

que em fim cahe; hum bronze, que a ferrugem consume; hum aço, que o uso gasta; & finalmente hũa fortaleza, que o tempo rende, & a fome entrega.

Que foi feito dos Samsões, dos Josuès, dos Gedeões, dos Saúis, dos Davís, dos Eleazares, dos Semmas, dos Jonathas, dos Jerobões, dos Naamaens, dos Ba-

naías, dos Judas, dos Machabeos, & de outros Varões famosos nas Escrituras Divinas? Que foi feito dos Vlyffes, dos Eneas, dos Achilles, dos Scipiões,

dos Annibaes, dos Sertorios, dos Viriatos, & de outros heroes celebrados nas historias humanas? Toda a sua fortaleza foi hũa leve faisca, & hũa ligeira esto-

pa; ou para dizer melhor, foi hũa ligeira estopa, que se reduzio a cinza com hũa leve faisca, como disse

Isai. cap. 1.  
n.31.

Isaias: *Et erit fortitudo vestra, ut favilla stuppe, & opus vestrum*

*vestrum quasi scintilla : & succendetur utrumque simul ; & non erit qui extinguat.*

200 O septimo bem, que ha no mundo, he o bem da mocidade. E que outra cousa he a mocidade em o mundo, mais que hũa flor, que acaba; & hũa adolescencia, que pouco dura; estando mais perto de acabar, a que mais se vê florecer? He a vida hũa pintura: *In imagine pertransit homo*; a mocidade he pintura delineada de fresco, & pode-se facilmente apagar: he a vida Nao, que furca o mar: *Navis, quæ pertransit fluctuantem aquam*; a mocidade he Nao sem leme, & pode-se facilmente sumergir: he a vida como tea de aranha: *Sicut tela araneorum*; a mocidade he tea exposta ao ar das paixões desordenadas, & pode-se facilmente romper: he a nossa vida arvore: *Video homines velut arbores*; a mocidade he arvore contrastada da tempestade dos appetites, & póde facilmente cahir: he ultimamente a vida agua: *Quasi aquæ dilabimur*; a mocidade he rio arrebatado, que chega mais facilmente a pagar o seu tributo. Ainda mal, que tantos mais são os moços, que não chegaõ a velhos, que os velhos, que passaõ de moços!

201 O oitavo bem do mundo, he o bẽ da fermosura. E q̃ cousa vem a ser a fermosura do mũdo? Privilegio, q̃ se deroga; Ceo, q̃ se nubla; Lua, q̃ mingua; Estrella, q̃ se esconde; Sol, q̃ morre; rosa, q̃ acaba; & accidente, que espira; hũa enganosa Circes, que fazendo perder aos homens o bem de racionaes, os transfigura em brutos. Publio a intitidou, hũa carta de favor; porẽm eu a confidero, como a carta de Vrias, que quando cuidais, que he de seguro para a vida, he decreto para a morte: Socrates a definio, tyrannia

Theophr.  
Euphr.  
I. Scip.  
Petrarch.

Pfalm. 38.  
n. 7.

Sapient. cap.  
5. n. 10.

Job cap. 8.  
n. 14.

Marc. cap.  
8. n. 24.

2. Reg. cap.  
14. n. 14.

Publio.

Socrates.

Theophr.  
Euripid.  
Leusip.  
Petrouch.

S. Jeronym.

Prov. cap.  
31. n. 30.

de pouco tempo ; Theophrasto , engano dissimulado ; Euripides , cousa infeliz ; Leusippo , aguda setta ; Petrarcha , inimigo domestico , ladraõ do defcanço , tormento do gosto, materia do trabalho, véo dos olhos , para não verem o bem , laço dos pès, para não fugir do mal , visco das azas, para não voar ao alto, em que está o merecimento: S. Jeronymo , esquecimento da razaõ ; & finalmente Salamaõ , graça enganadora , & vãa : *Fallax gratia , & vana est pulchritudo.* De que lhe servio a Lucifer a fermosura , a Absalaõ a galhardia , a Thamar a belleza , a Rachel o ornato , a Jezabel o concerto , & a Helena o agrado , mais que a Lucifer de incentivo da culpa ; a Absalaõ de instrumento da morte ; a Thamar de occasiaõ do desprezo ; a Rachel de lhe abrir a sepultura ; a Jezabel de lhe acabar a vida ; & a Helena de sepultar em suas cinzas a Troya? E que sendo isto assim, haja tantos em o mundo , que amem a fermosura , & se percaõ pela gentileza , sem repararem , que he perderem-se a si, o perderem-se por ella! Que se perca Aurora , por Titan ; Apollo , por Daphne ; Venus , por Adonis ; Diana , por Endimiao ; Jupiter , por Ganimedes ; Hercules , por Hilas ; Neptuno , por Tiro ; Plutaõ , por Proserpina ; Paris , por Helena ; Pyrrho , por Hermion ; Fedro , por Hippolyto ; Leandro , por Hero ; Baccho , por Ariadne ; Piramo , por Tysbe ; Psamethico , por Rhodope ; Cyro , por Aspazia ; Hyparco , por Fias ; Alexandre , por Rhoxanes ; Cuniberto , por Theodotes ; David , por Bersabè ; Anaxagoras , por Esther ; os Velhos , por Sufana ; Salamaõ , pela filha de Farad ; Holofernes , por Judith ; & Samsaõ por Dalila ! Que se extinguaõ familias ,  
que



que se destruaõ fazendas , que se arruinem Cidades,  
 que se confundaõ Reynos, que se assolem Imperios,  
 que se arrisquem almas , que se menosprezem vidas,  
 que se ultrajem os preceitos da Ley de Deos , que  
 se profanem templos , que se perverta a Fè , que se  
 perturbe o mundo , & que se solícite o inferno por  
 hũa coufa tam vãa, tam fallax, & enganadora! Oh fer-  
 mosura , como enganas aos homens ! mas ó homens,  
 & quanto vos enganais com a fermosura ! buscaila  
 por graça , & cahis em culpa.

202 O nono bem , que ha em o mundo , he o  
 bem da amizade. E que coufa vem a ser as amiza-  
 des do mundo? Hũa mera conveniencia revestida  
 em fineza ; & hum impuro interesse simulado em fi-  
 delidade. Nada mais são os amigos para aquelles , a  
 quem assistem , que huns segadores de trigo , que a-  
 braçaõ , para cortar , & hũas heras de muro , que se  
 enlaçaõ , para destruir : são como as andorinhas, que  
 em quanto dura o Veraõ, tudo he cantar, sem vos sa-  
 hirem de casa ; mas em chegando o Inverno , vaõ-se  
 embora , & deixaõvola immunda : são como som-  
 bras , que vos acompanhaõ , em quanto dura a luz :  
 como aquella flor, que segue os movimentos do Sol,  
 em quanto permanece o dia : como aquelles Gen-  
 tios , que adoravaõ esse Sol ao nascer entre luzes no  
 thalamo do Oriente , & o apedrejavaõ depois ao se-  
 pultar-se entre sombras no tumulo do Occaso : são  
 finalmente amigos , mais do vosso , que de vòs ; assi-  
 stemvos , diz o Espirito Santo , em quanto se sentaõ  
 á mesa ; & levantaõ banco , tanto que esta se levanta:

*Est amicus socius mensæ , & non permanebit in die necessita-  
 tis.* São raros , & são contados os Jonathas , & os

Ecclef. cap.  
 6. n. 10.

Davís;

Davís; os Nifos, & os Eurialos; os Pylades, & os Orestes; os Alexandres, & os Ephestiões.

O decimo bem do mundo he a vida; & como póde ser bem, hũa vida, que já mostramos ser o compendio de todo o mal? Como póde ser bem hũa vida, q̄ comparada com a eterna, mais se deve chamar morte, que intitular-se vida? disse-o o grande Gregorio: *Temporalis vita æternæ vitæ comparata mors est potius dicenda, quàm vita.* Que por isso Christo bem nosso, quando lhe perguntou hum homem, o que havia fazer para possuir a eterna vida: *Quid faciendo, vitam æternam possidebo?* lhe respondeo, que devia observar os Mandamentos, para entrar em a vida, sem acrescentar, o eterna: *Si vis ad vitam ingredi, serva mādāta.* O que lhe fez a pergunta, como tinha esta vida por vida, fez differença desta vida á eterna: *Vitam æternam;* o Senhor, que deu a resposta, para insinuar que só he vida a eterna, chamou á eterna só vida, porque a temporal he morte: *Si vis ad vitam ingredi.* He morte com o nome de vida; porèm nem o nome de vida póde ter com propriedade hũa vida, que, quando muito, dura, & he sómente hoje. La escrevia aos Hebreos o Apostolo S. Paulo, que se exhortassem huns aos outros, em quanto lhes durava a vida; porèm com hũas palavras tam escuras, & mysteriosas, que havendo de dar nome á vida, disse, que era, a que se cognominava, hoje: *Adhortamini vosmetipsos, donec hodie cognominatur.* Assim o interpreta Cornelio: *Donec hodie cognominatur, idest, donec vivitis.* Quiz o Apostolo explicar a vida por hum nome proprio, & achou, que só o de *hoje*, era nome proprio para a vida. Ainda he mayor o enfasi; porque não diz

o Dou-

Greg. hom.  
37.

Luc. cap.  
10.

Ad Hebr.  
cap. 3. n. 13.

Cornel. híc.

o Doutor das Gentes, q̄ he este o nome da vida, senão o sobrenome, & cognome: *Hodie cognominatur*; porque he a vida tal em a sua brevidade, que nem o nome de *hoje* propriamente merece: he *hoje*, hum sobrenome, ou hũa alcunha da vida; porque a vida he tal, que não tendo nome proprio, com que se appellar, sómente pelo cognome, ou pela alcunha de *hoje* se poderá conhecer: *Hodie cognominatur*. Como póde ser boa a vida, em a qual á forte boa se dá o titulo de negra, sendo nella a melhor fortuna hũa negra forte? Finalmente, como póde ser boa a vida, sendo como os demais males, a que o mundo chama bens; que possuidos são tormento, & só deixados são descanso? como disse o Camões vituperando, & improperando ao mundo:

*Vejaõ-se os bens, que tiveraõ*

*Os que mais em alcançarte*

*Se esmeráraõ;*

*Que huns vivendo não viveraõ;*

*E outros só com deixarte*

*Descançáraõ.*

Esta malignidade do mundo deve ser, ó Portuguezes, na vossa desconsoação o *Lenitivo da Dor*: considerar, que consummou Deos á nossa suspirada Rainha no periodo de breves annos o circulo de muitos tempos, porque como a sua alma era tanto de seu agrado, apressou-se a livrala das iniquidades do mundo; como de hum Varaõ justo disse o Espirito Santo: *Consummatus in brevi explevit tempora multa: placita enim erat Deo anima illius: propter hoc properavit educere illum de medio iniquitatum*. Henoch agradou a Deos, & o que se seguiu do seu agrado, foi o tiralo do mundo

Eccl. cap. 4.  
v. 16.

Sap. cap. 4.  
n. 7.

Marth. cap.  
12. n. 42.

Camões  
carta 2.

25. n. 41.

Idem cap.  
25. n. 24.

Marth. cap.  
22. n. 13.

Palm. 96.  
n. 11.

Palm. 124.  
n. 3.

Sap. cap. 10.  
n. 17.

Sap. cap. 4.  
n. 13. & 14.

Ecclef. cap.  
44. n. 16.

do, & trasladado ao Paraíso: *Henoch placuit Deo, & translatus est in Paradisum.* Levou Deos deste mundo a nossa Rainha. Ay, que dor tam para sentida! mas levou-a para si, & trasladou-a para o Paraíso, livrando-a da malicia, & malignidade do mundo. Oh que consolação tam ajustada! Por mais que o prazo, foi breve para o gosto dos homens, foi preciso, & forçoso para o agrado de Deos: porque a Deos agradou muito a sua alma: *Placita enim erat Deo anima illius;* por isso consummou em breve a carreira da sua vida: *Consummata in brevi.* Entendey-o assim, Portuguezes, & não sejais, como aquelles povos, que o não entendião assim: *Populi autem videntes, & non intelligentes.*

## PRIMEIRO

### LENITIVO PARTICULAR.

205



Xpostos diffusamente os tres Lenitivos cōmuns, com que devem os Portuguezes mitigar a sua dor; resta applicar á sua dor tres Lenitivos particulares mais efficaçmente activos, porque proporcionados aos seus suspiros, & correspondentes aos seus ays. Motiva o primeiro ay aos saudosos Lusitanos na morte da sua Rainha o justificado procedimento daquella por todos os titulos singularissima Senhora; & queixaõ se de que morresse, sendo no proceder tam justa, quando por justa se persuadiaõ, que não morresse: porẽm para a sua dor excessivamente extremosa, não ha Lenitivo melhor, que o  
ob motivo

motivo da mesma dor. Aquelle justificado procedimento, que parecia privilegio para immortalizarlhe a vida, foi a precisa razãõ para a sua morte: nem devem desconsolar-se, de que sendo tam justa espirasse, porque por isso mesmo, que era justa, foi preciso, que morresse: a mesma justificaçãõ da vida deve adoçar as amarguras da morte, por ser consequencia forçosa, & necessaria a da morte, que se segue das premissas da justificaçãõ da vida. Porque aquelle justo Juiz, que por inexcrutavel decreto de sua Divina Providencia dilata muitas vezes a vida para castigo dos máos, preoccupa com a morte para o refrigerio aos bons: *Iustus, si morte præoccupatus fuerit, in refrigerio erit*; fazendo, que morraõ os peccadores para sua eterna tristeza: *Ibi erit fletus*; & os justos, para sua sempiterna alegria: *Lætabitur justus*: os peccadores, para sentirem a maldiçãõ de prescitos: *Discedite maledicti*; os justos, para lograrem a bençãõ de predestinados: *Venite benedicti*: os peccadores, para o centro das trevoas: *Mittite eum in tenebras*; os justos, para a estancia das luzes: *Lux orta est justo*: os peccadores, para sentir o seu azar; os justos, para cobrar a sua sorte: *Super sortem iustorum*: os peccadores, para experimentar trabalhos em paga dos seus descãõs; os justos, para entrar nos descãõs por galardãõ dos trabalhos: *Reddidit iustis mercedem laborum suorum*: finalmente os peccadores, para na morte continuarem a morte; & os justos, para na morte perpetuarem a vida: *Iusti autem in perpetuum vivent*. Todos, os que estaõ no Ceo, foraõ justos, & morreraõ; com o que não he para estranhar, & menos para sentir, que morresse hũa Rainha no procedimento tam justa;

Sap. cap. 4.  
n. 7.

Matth. cap.  
13. n. 42.

Psal. 57.  
n. 11.

Matth. cap.  
25. n. 41.

Idem cap.  
25. n. 34.

Matth. cap.  
22. n. 13.

Psal. 96.  
n. 11.

Psal. 124.  
n. 3.

Sap. cap. 10.  
n. 17.

Et cap. 5. n.  
16.

que concedendolhe o Ceo as mayores felicidades, que póde haver na terra, ella estimando só as virtudes, felicidades, não attendeo tanto á gloria daquellas felicidades, quanto á graça das virtudes.

206 Quatro foraõ, além de outras menores, as principaes felicidades, que a Divina Providencia, como verdadeira fortuna, concedeo á nossa Rainha: a primeira, o ser Filha de huns taes Pays: a segunda, o ser Conforte de hum tal Esposo: a terceira, o ser Mãy de huns taes Filhos: a quarta, o ser Senhora de huns taes Vassallos. Porèm ella attenta mais a sollicitar com as virtudes a felicidade da gloria, que á gloria, que podia ter com tantas felicidades, de tal forte se esmerou no excelfo das virtudes, que foi para ella menos, o que para os olhos do mundo parecia nella o mais; não fazendo tanto apreço do lustre do nascimento, do illustre do desposorio, do glorioso da fecundidade na posteridade dos filhos, & do preclaro do senhorio no dominio dos Vassallos, quanto do lustre, do illustre, do fecundo, & do preclaro dos mais singulares merecimentos. Primeiro devemos ver a relevancia das suas felicidades, para depois admirar a eminencia de suas virtudes.



## PRIMEIRA FELICIDADE.

## O S P A Y S .

207



Primeira felicidade, que logrou a nossa Rainha, foi o ser Filha de huns taes Pays: foraõ estes, o Serenissimo Principe Eleitor D. Philippe Wilhelmo, Cõde Palatino do Rheno, Archithesoureiro do Imperio Romano, Duque de Baviera, de Julia, de Clivia, & dos Montes: Conde de Valdencia, de Spanhemio, de Marquia, de Ravenspurgo, & de Mersia: Senhor de Ravestín, &c. & sua meritissima Consorte, a Serenissima Princeza Isabella, Amelia, Magdalena, Filha de Gorge II. Langrave de Hassya Darmstadiense, & de Sofia Leonor, filha de Joaõ Gorge, Eleitor de Saxonia; dos quaes gloriosos Pays teve feliz nascimento no Palacio de Benradio pouco distante de Dusseldorpio do Rheno em 6. de Agosto de 1666. anno suspirado dos Portuguezes prelagos, sem o anteverem, das suas felicidades; pois em elle lhe nascia a que havia ser sua Senhora, trazendo recolhido nas veas o mais puro, & illustre sangue, que venera toda a Europa, o Cesareo, o Austriaco, o Palatino, o Bavarico, o Hassyaco, & o Saxonico.

208 He questaõ controvertida, se a nobreza hereditaria he gloria para estimada? Demosthenes, Euripides, & toda a mais Seita Estoica não fazia della apreço, porque só em a virtude, ou em a sabedoria collocavaõ a nobreza; em termos taes, que affirmá-

Demosth.  
Euripid.

raõ os dous, que ainda que algum fosse filho do mesmo Jupiter, senão fosse virtuoso, não o teriaõ por nobre; por isso disse Juvenal:

Juvenal  
Sat. 8.

*Stemmata quid faciunt? quid prodest, Pontice, longo  
Sanguine censer? pictos ostendere vultus  
Maiorum, & stantes in curribus Æmilianos?*

*Tota licet veteres exornent undique ceræ  
Atria; nobilitas sola est, atque unica virtus.*

O mesmo affirmou Ovidio:

Ovid. de  
Pont.

*Non census, nec clarum nomen avorum,  
Sed probitas magnos ingeniumque facit.*

Com mayor galantaria o disse Codro Vrceolo:

Codr. Ur-  
ccol. in E-  
pigram.

*Sint tibi Gallorum Rex, & Regina parentes,  
Et maneat virtus pectore nulla tuo;*

*Non pluris te faciam, quàm tibi rustica mater  
Si sit, & ignotus rusticus ipse pater.*

209 Porèm outros Varões cordatos constante-  
mente asseveraõ, que sempre he estimavel, & apre-  
ciavel nos presentes a nobreza dos passados. Bastava  
para comprovaçaõ o exemplo, que allega o nosso  
Sá de Miranda:

Sá de Mi-  
rand. cart.  
I.

*O Senhor da natureza,  
De quem o Ceo, & terra he chea,  
Vindo á nossa baixeza,  
Do sangue Real se preza,  
Por Reyna Cruz se nomea.*

Havendo de referir o Euangelista S. Mattheos o nas-  
cimento de Christo, quiz primeiro dar noticia de  
sua illustre profapia, assignandolhe por ascendentes  
quatorze Patriarchas, quatorze Reys, & quatorze  
Capitães; entendendo, que conduzia muito para a  
gloria do Senhor, que se propunha nascido, o illu-  
stre



stre da ascendencia, & o esclarecido da profapia. E he muito para notar, que compondo o Chronista sagrado aquelle livro da geraçãõ, & genealogia de Christo, no titulo, & inscripçãõ poem em primeiro lugar a David, que a Abrahaõ: *Liber generationis Jesu Christi Filii David, Filii Abraham;* sendo que conforme a serie daquella illustre ascendencia, primeiro devia pòr a Abraham, do que a David; porque Abraham era mais remoto, & David muito mais proximo. Porém como o Euangelista em aquella ascendencia só a David nomeava Rey: *David autem Rex;* antepoz para o apreço aquelle, que na ascendencia lograva mais nobre titulo; porque em as gerações, ainda na do mesmo Christo, o Avô mais nobre, & illustre precede para o apreço.

210 Quem nasce de profapia illustre, tem exemplares, & prototypos, a cuja imitaçãõ ajuste os procedimentos; antes servindolhe os Progenitores de espelhos, a que compor, & enfeitar as acções, se acha como necessitado para imitar aos bons; que isso he o que dizia S. Jeronymo, que unicamente achava que appetecer na nobreza: *Nihil aliud video in nobilitate appetendum, nisi quòd nobiles quadam necessitate constringuntur, nè ab antiquorum probitate degenerent.* Porque não achando estes em a sua geraçãõ defeito indecoroso, pejaõ-se de que os estranhos estranhem nelles os defeitos, que elles não achaõ em os seus; & esta he a felicidade, que Cassiano descobre na vea de illustre sangue: *Similitudinem suorum felix vena custodit, quando pudet delinquere, quia similia nequit in suo genere reperire.*

211 Eu acho, que neste ponto se deve fallar com distincçãõ.

Matth. cap.

1.

Jeronym.

Cassian. lib.

3. epist.

distincção. Comparados entre si o nobre por nascimento com procedimento máo, & o humilde por nascimento com procedimento bom; o nobre por nascimento com procedimento máo, não se deve estimar por nobre; & o humilde por nascimento com procedimento bom, não se deve menosprezar por humilde; porque o humilde bem procedido faz-se a si muito mais nobre, que o nobre mal morigerado; sendo certo, como disse Plauto, que mais honrosa cousa he fazer-se nobre pela virtude, que nascer nobre pela origem: *Pulchrius est nobilem virtute fieri, quam nasci.* A razão he manifesta; porque a nobreza herdada, he fortuna; a adquirida, he merecimento; com o que mayor nobreza que a herdada, he a adquirida. Por isso na genealogia, que S. Mattheos compoz de Christo, a nenhum mais, que a David, se dá o titulo de Rey, achando-se muitos Reys em aquella geração: *David autem Rex*: porque nos mais foi a regalia em o nascimento herdada; & em David foi pelo merecimento adquirida: os demais nascêraõ Reys; David fez-se Rey, tendo nascido pastor; & mais he para estimado hum Pastor, que se fez Rey pelo seu merecimento, que qualquer outro, que nasceo Rey. A nobreza, que se herda, perde-se, procedendo mal; a que se acquire, conserva se, obrando bem: a herdada póde degenerar em infamia; a adquirida sempre se augmenta a honra. Quelhe aproveitou a Chaõ o nascer filho de Noè, se o máo procedimento o fez escravo de seus irmãos? E que prejudicou a Abrahão ser filho de hum idolatra, se o bom procedimento o fez senhor soberano? Chaõ de nobre desceo a servo; Abrahão de humilde subio a senhor; as más acções

Plaut. in  
Merc.

Matth. cap.  
I.

acções envilecêraõ a nobreza de hum, as boas obras  
 illustráraõ a humildade de outro. Por isso disse Cas-  
 fiano, que estimava mais a nobreza, que procedia  
 delle, que a que lhe provinha dos pays: *Nobilitas à*

Cassian. in  
 epist.

*me procedens est mihi cordi, plusquam quæ ex patrum procedit  
 nobilitate;* porque a que procede de cada hum, he sua  
 toda; & a que procede dos pays, escaçamente lhe  
 podemos chamar nossa, como cantou o Ovidio:

*Et genus, & proavos, & quæ non fecimus ipsi,  
 Vix ea nostra voco.*

Ovid. Met.  
 lib. 13.

212 Se hum fugeito nasce illustre, & desempe-  
 nha com o claro do procedimento o esclarecido do  
 fangue, esse se póde dizer duplicadamente nobre,  
 porque não degenerando a nobreza em villania, he  
 nobre por si, & nobre pelos seus; nobre, porque o  
 fez a fortuna; & nobre, porque se fez elle mesmo.  
 He verdade, que diz o Espirito Santo, que os pays  
 faõ gloria dos filhos: *Gloria filiorum patres eorum;* mas  
 comparada hũa nobreza com outra, a que primeiro  
 he derivada dos pays, com a que depois he grangea-  
 da, & merecida pelos filhos, muito mais he para  
 estimada a segunda merecida, que a primeira herda-  
 da; porque, como diz Chrysoftomo, muito melhor  
 he, que os pays se gloriem em os filhos, que glo-  
 riarem-se os filhos nos pays: *Melius est, ut in te glo-  
 rientur parentes, quàm tu in parentibus glorieris.* Os filhos,  
 que se gloriaõ nos pays, não tem mais nobreza, que  
 a que os pays lhes deraõ; os filhos, em que os pays  
 se gloriaõ, tem mais nobreza, que a que lhes deraõ  
 os pays: com o que os filhos, q se gloriaõ nos pays,  
 não tem de que se gloriar em si, & a gloria, que nisso  
 tem, he hũa mera vangloria; os filhos, em que os  
 pays

P. ov. cap.  
 17. n. 6.

Chrysoft.  
 in Matth.

Boet. lib. 3.  
prof. 6. de  
Confol.

pays se gloriaõ , tem em si muito de que se gloriar , porq se os pays os gloriaõ a elles, elles glorificam-se a si , & gloriaõ aos pays; porque com a nobreza, que por si adquiriraõ , illustraõ , augmentaõ , & melhoraõ a nobreza , que dos pays herdaraõ. Definio Boecio a nobreza, Hum louvor, que provem dos merecimentos dos pays: *Nobilitas est quædam laus veniens à meritis parentum* ; porèm eu não acho boa semelhante definiçaõ , porque pecca por diminuta ; foi o Sabio Filosofo diminuto no definir, porque não definio toda , & a mayor nobreza ; sendo nobreza mayor a que procede dos merecimentos proprios, q aquella, que dimana dos paternos merecimentos : antes a dos merecimentos paternos propriamente não he louvor , porque he dita , para que não concorreo , o que a herdou; a dos merecimentos proprios só he louvor propriamente , porque he gloria conseguida pelo preclaro, & generoso do proprio procedimento. Por isso o Ecclesiastico havendo de louvar por gloriosos , ou os pays nos filhos, ou os filhos nos pays, não louvou os filhos nos pays , senão os pays em os filhos: *Laudemus viros gloriosos, & parentes nostros in generatione sua*: nem disse , que foraõ gloriosos os filhos, porque os pays lhes deixaraõ materia para o louvor; senão que foraõ gloriosos os pays , porque os filhos lhes subministraraõ para o louvor a materia : *Omnes isti in generationibus gentis suæ gloriam adepti sunt, & in diebus suis habentur in laudibus. Qui de illis nati sunt, reliquerunt nomen narrandi laudes eorum.* Mais he logo a nobreza pelos filhos adquirida, louvor, que resulta aos pays dos merecimentos dos filhos, do que a herdada, louvor, que provem aos filhos dos merecimentos

Ecclesiast.  
cap. 44.

tos dos pays ; & só o que tem hũa, & outra, tem em si toda a nobreza.

213 Se consultamos a Plataõ, quantos são em hũa Republica os generos da nobreza ? achamos, que distinguio tres generos de nobreza na sua idea da Republica : huns, que são nobres, porque procedem de Principes : outros, que são nobres, porque tem por antepassados Heroes famosos, & celebres : outros finalmente, que são nobres, porque tem, & contêm em si animos magnificos, & generosos ; porém só entãõ he cabal, & inteira a nobreza, como disse a Boca de ouro, quando aquelle, que a tem, a não deslustra, & dedecora, antes a condecora, & illustra com o que faz : *Ille clarus, ille sublimis, ille nobilis, ille tunc integram nobilitatem suam putet, si dedignetur servire vitiis, & ab eis superari.* Não está tanto a nobreza no de quem, quanto em o como ; não tanto no de quem se procede, quanto no como se procede ; não tanto em a processãõ, quanto no procedimento ; antes em os mais illustres, primeiro está o procedimento, do que ainda a processãõ. São dignos de todo o reparo os termos, com que a Igreja Catholica em o Symbolo da Fè falla do Espirito Santo. Chamalhe Senhor, & vivificante, q̄ procede do Pay, & do Filho : *Et in Spiritum Sanctum Dominum, & vivificantem, qui ex Patre, Filioque procedit.* Parece, que o que a Igreja propoem primeiro, o havia p̄r depois, & o que propoem depois, o havia p̄r primeiro : primeiro havia dizer, que o Espirito Santo procedia do Pay, & do Filho : *Qui ex Patre, Filioque procedit;* & depois havia declarar, que era hum vivificante Senhor : *Dominum, & vivificantem.* A razãõ he ; porque para o Espi-

Plataõ

Chrysoft.  
in Matth.

Eccles. in  
Symbol.

rito Santo primeiro está o proceder, do que o vivificar: o proceder diz ordem a si, o vivificar diz ordem a nós; ab æterno procedeo, & não vivificou, porque os homens, a quem vivifica, não existíraõ ab æterno: & pois se no Espirito Santo, o proceder he primeiro, & o vivificar depois, porque razão poem a Igreja primeiro o vivificar, & depois o proceder? Porque o vivificar compete ao procedimento, & o proceder pertence á processão. Melhor. No vivificar expõem-se o como procede, no proceder propõem-se o de quem procede: no vivificar declara-se o como o Espirito Santo procede em ordem a nós; no proceder do Pay, & do Filho exprime-se o de quem procede em ordem a si; & em hũa pessoa tam illustre, como he a do Espirito Santo, primeiro que á processão, se attende ao procedimento, como se para a nobreza fosse o procedimento o lustre da mais illustre processão: *Et in Spiritum Sanctum Dominum, & vivificantem, qui ex Patre, Filioque procedit.*

214 Mas oh que gloriosamente resplandeceo em a nossa Serenissima Rainha todo o genero de nobreza! Foi nobre, porque foi Filha de tam soberanos Principes; foi nobre, porque por Filha de Principes tam soberanos teve por antepassados Heroes celebres, & famofos, os Rodolfos, os Rupertos, os Stefanos, os Ludovicos, os Alexandres, os Wolfangos, os Filippes, os Joães, os Ernestos, os Albertos, os Wilhelmos, os Henriques, os Ottos, os Hermanos, os Gorges, os Fredericos, os Augustos, & os Christianos; foi ultimamente nobre, porque se admirou nella hum animo generosamente magnifico. Porém foi muito mais nobre, por illustrar a nobreza, que herdou

herdou ao nascer, com a que adquirio pelo obrar; tendo mais que se gloriar aquelles illustres Pays nesta esclarecida Filha, que esta esclarecida Filha naquelles illustres Pays; sendo mais gloriosos os Pays em a sua geraçãõ, que ella em o seu nascimento; pois conhecendo, que só á virtude se deve attribuir a palma da nobreza, como diz Poggio Florentino: *Soli virtuti palma nobilitatis tribuenda est*; & reconhecendo, que para Deos a mais suprema nobreza he ser preclaro nas virtudes, como affirma S. Jeronymo: *Summa apud Deum nobilitas est, clarum esse virtutibus*; aspirando a ser mais nobre pelo que viveo, que pelo q̃ nasceo, attendia muito mais ao excelso do procedimento, que ao sublime da proçessãõ; & sendo tanta a relevancia da sua felicidade em ser Filha de taes Pays, affim antepoz a virtude a esta felicidade, que teve só por felicidade a nobreza da virtude.

Pog. Florent. lib. de Nobilit.

Hieron. epist. ad Celant.

Berchet. in Did. sup. m.

SEGUNDA FELICIDADE.

O ESPOSO.

215



Segunda felicidade, que logrou a nossa Rainha, foi, ser Conforte de hum tal Esposo. Foi este o muito alto, & o muito poderoso Rey D. Pedro II. de Portugal, que a admittio por sua meritissima Conforte aos 2. de Julho de 1687. em Haidelberga; representando no Desposorio a Pessoa de Sua Magestade, aquelle exemplar de Cortesãos, aquella idèa de Politicos, aquelle espelho dos Palacianos Manoel Telles

les da Sylva, Marquez de Alegrete, seu Gentil-ho-  
 mem da Camera, Veador da sua Real Fazenda, &  
 seu Embaixador Extraordinario, acertadamente  
 eleito para aquella funcção; pois só húa tam grande  
 pessoa podia representar a de hum tam grande Mo-  
 narcha. E que felicidade mayor, que conseguir por  
 Esposo a hum Rey tam soberano, em que atè os aca-  
 sos da disposição humana foraõ parece mysterios  
 da Providencia Divina, empenhada no realce de sua  
 relevante grandeza, & no glorioso lustre de sua emi-  
 nente soberania? para o que devemos considerar na  
 sua Real Pessoa, o nome, o cognome, & a dignida-  
 de: o nome he o de *Pedro*; o cognome, o de *Segundo*;  
 a dignidade, a de *Rey de Portugal*; & sendo tudo aca-  
 so, tudo parece mysterio: mysterio o nome de *Pe-  
 dro*, pela singular propriedade, com que lhe compe-  
 te o nome; mysterio o cognome de *Segundo*, pelas  
 grandes excellencias, que se avinculaõ a este cogno-  
 me; mysterio a dignidade de *Rey*, pela summa satis-  
 facção, com que desempenha a dignidade. Tudo ha-  
 de discorrer a penna, não tremula com o receyo de  
 incorrer na censura de adulaçãõ, & no crime da li-  
 sonja; senão só com o temor, de que o discurso seja  
 offensa; offensa á sua grandeza, & offensa á sua mo-  
 destia: offensa á sua grandeza, porque por mais, que  
 se appare, & apure para exprimila, não poderá con-  
 dignamente explicala: offensa á sua modestia, por-  
 que concorrendo na sua inimitavel soberania tantas  
 razões para elogiada, he tanta a sua modestia, que  
 com a publicidade se dará por offendida; pois não  
 fazendo acção, que não seja acrèdora ao mayor ap-  
 plauso, todas quizera supprimidas no silencio, de-  
 feizando

Nobilit.  
 reat. ib. de  
 Fog. Flo.

Oclant.  
 Equ. ad  
 Hicron.



fejando enrouquecer o sonoro clarim da fama, que ainda quando mais sonoro em o applaudir, tem curta voz para o acclamar.

216 He tam grande nome o de *Pedro*, que elle bastava só para constituir ao nosso Monarcha, grande; porque com elle ennobreceo Christo aquelle amante Apostolo, que destinou para seu Vigario, & Principe da Igreja, que recebeo por Esposa: *Tu es Petrus*. Expondo o erudito Berchorio as significações enfaticas deste nome mysterioso, diz, que o nome de *Pedro*, he nome de sagacidade, & discricção; porque *Pedro* interpreta-se, Cognoscente: *Petrus est nomen sagacitatis, atque discretionis; quia Petrus interpretatur, Agnoscens*: he nome de famosidade, & reputação; porque *Pedro* interpreta-se, o Conhecido: *Nomen famositatis, & reputationis; quia interpretatur, Agnitus*: he nome de proveito, & liberdade, porque se interpreta, O que dissolve: *Nomen utilitatis, & liberationis; quia interpretatur, Dissolvens*: he nome de sublimidade, & contemplação, porque se interpreta, Cabeça: *Nomen sublimitatis, & contemplationis; quia interpretatur, Caput*: he nome de estabilidade, & duração, porque se deriva de pedra: *Nomen stabilitatis, atque durationis; quia dicitur Petrus à petra*: he ultimamente nome de authoridade, & jurisdicção; porque foi Prelado, & Pastor: *Nomen authoritatis, & jurisdictionis; quia fuit Prælatas, & Pastor*. E pois que nome mais proprio para o nosso Monarcha, do que o nome de *Pedro*? O acaso da disposição humana pozlho, & impozlho antes; o mysterio da Providencia Divina dispozlho para o depois: a disposição humana pozlho antes não prevendo o que havia succeder; a Providencia

Matth. cap.  
16.n.18.

Berchor. in  
Dict. mo-  
ral.

Berchor. in  
Dict. moral.

Divina dispozlho , porque antevio , o como depois o havia desempenhar , admirando-se no preclaro de suas operações a sua sagacidade , a mais discreta ; a sua reputação , a mais famosa ; a sua liberdade , a mais util ; a sua contemplação , a mais sublime ; a sua firmeza , a mais estavel ; a sua jurisdicção , & authoridade , a mais plausivel. A sua sagacidade a mais discreta , conhecendo o q se deve obrar , & o q se deve omitir ; os de que em os negocios deve fazer confiança , & os cõ quem se deve portar cõ cautela ; os merecimentos de huns , para os promover , & os defeitos de outros , para os recusar : a sua reputação a mais famosa ; porq de todos os de quem he conhecido , he famosamente reputado , dilatando-se a sua fama para o applauso áquellas partes do mundo , a que se estende o seu nome para o conhecimento ; sendo universalmente de todos bem reputado , porém não bem conhecido ; porque por mais que a sua heroicidade seja conhecida de todos , não póde ser comprehendido de algum ; em hũs he a sua noticia abstractiva ; em outros intuitiva ; mas em nenhum comprehensiva : a sua liberdade , a mais util ; porque desde os primordios de seu felicissimo governo conseguiraõ os seus povos a mais util liberdade , vendo-se livres das hostilidades , que padeciaõ em a guerra , porque por fausto proemio da sua dominação os felicitou , facilitando a paz : a sua contemplação a mais sublime , porque ao contemplar os mais arduos negocios , a fim se remonta em os discursos , q não ha Aguia Real , que o iguale em os voos : a sua firmeza , a mais estavel ; porque he incontrastavel a sua firmeza ; pois imper- turbavel a toda a fortuna o seu generoso animo , he

como

como o diamante, sempre o mesmo; o mesmo nas prosperidades, que em as adversidades; immovel em hūas, & inalteravel em outras: finalmente a sua jurisdicção, & authoridade, a mais plausivel, pelo admiravel acerto de todas as determinações, em que chega a praticar a sua authoridade, & jurisdicção; podendofelhe applicar, com a proporção devida entre o Divino, & humano, o q̄ o Propheta Rey disse fallando de Deos, & com Deos; que era o seu soberano nome a immensuravel pauta, por onde o seu louvor se nivelava sem medida até os ultimos fins da terra: *Secundum nomen tuum, Deus, sic & laus tua in fines terræ.*

1. Ad Co.  
1. cor. 13.  
1. cor. 13.

Pfal. 47. n.  
11.

217 Nemo cognome de *Segundo* lhe diminua a soberania, ou o defrauda da preeminencia; porque o nome de *Segundo* não lhe tira a gloria de primeiro; & certamente não fora taõ soberano por primeiro, quanto o he por *Segundo*; porque, como discretamente notou o Pictaviense, *Segundo* he nome de authoridade, & he nome de nobreza: *Secundus est nomen auctoritatis, & nomen nobilitatis*; antes nome da mayor nobreza, & da mayor authoridade. Dous Reys incomparavelmente grandes tiveraõ em este mundo o universal Imperio; hum, Adaõ feito homem por Deos; outro, Christo Deos feito homem: do Reynado de Adaõ lhe deu a investidura Deos, quando lhe disse no Paraíso, que dominaria os peixes do mar, as aves do Ceo, & os animantes da terra: *Dominamini piscibus maris, & volatilibus Cæli, & universis animantibus, quæ moventur super terram*; do Imperio de Christo testemunhou elle mesmo: *Data est mihi omnis potestas in Cælo, & in terra.* E que titulos deu o Apostolo ao Rey Christo,

Berchor. in  
Diçt. moral.

Genes cap.  
1. n. 28.

Matth. cap.  
28. n. 18.

sto,

I. Ad Co-  
rinth. cap.  
15. n. 47.

sto, & ao Rey Adaõ? A Adaõ, o de *Primeiro*; a Christo, o de *Segundo*: *Primus homo de terra, terrenus; Secundus homo de Cælo, cælestis*. Em Adaõ a authoridade, & nobreza eraõ menos; em Christo eraõ a nobreza, & authoridade mais: o Rey de menor authoridade, & nobreza teve o titulo de *Primeiro*; o de mayor nobreza, & authoridade, teve o titulo de *Segundo*. Se olharmos para a nobreza, nenhum Rey de Portugal, nem ainda da Europa toda, a respeito do nosso Monarcha se póde dizer primeiro; porque saõ as suas veas inestimavel thesouro do melhor fangue, que a veneraçãõ respeita em toda a Europa; fangue Portuguez, juntamente Regio, & Bragantino; & por Bragantino, tam Regio, que se achaõ com elle tinctas as mais preciosas Purpuras, admirando-se coroado em Portugal, em Alemanha, em França, em Castella, em Inglaterra, em Polonia, em Dinamarca, em Vngria, & em Bohemia. Na authoridade tambem nenhum se lhe avantaja com a primazia; porque o Ceo, que o não quiz fazer *Primeiro* sem segundo, para mayor esplendor o fez *Segundo* sem primeiro; porque por *Segundo* tam unico na authoridade, & nobreza, que por mais, que a emulaçãõ se esforce ao competir, nunca o hade igualar; porque o fez Deos no Soglio do Reyno de Portugal, como a Salamaõ na sabedoria em o throno de Israel: *In tantum, ut nullus ante te similis tui fuerit, nec post te surrecturus sit.*

3. Reg. cap.  
3. n. 12.

Genet. cap.  
1. n. 8.

Pfalm. 114.  
n. 5.

218 A misericordia, & a justiça saõ os dous pólos, em que se sustentaõ estavelmente os Reynos, & em q se estabelecem firmemête os Imperios; porque o Supremo Rey dos Reys tem a misericordia, & a justiça por attributos iguaes: *Misericors Dominus, & justus;*

*justus*; & todo aquelle Rey, que aspirar a ser perfeito em a terra, hade, & deve imitar ao Imperador do Ceo; sendo de tal forte justo, que seja misericordioso, & de tal modo misericordioso, que seja justo; porque a misericordia sem justiça, he froxidaõ; a justiça sem misericordia, he crueldade: com o q̄ posto o Rey no meyo destas virtudes, assim deve temperar o rigor cõ a clemencia, q̄ nem tudo seja clemencia, nẽ tudo seja rigor. Creou Deos Senhor nosso o Sol para monarcha das luzes, & para idèa de Principes, & creou-o ao quarto dia; para q̄ no meyo dos tres primeiros dias sem o Sol escuros, & dos tres ultimos com o Sol claros, dèsse exemplo aos Reys, que para no seu governo se acreditarem de Soes, deviaõ estar no meyo da severidade, que saõ os dias escuros, & no meyo da clemencia, que saõ os dias claros. Para o mesmo fim diz Philo, que dispoz a sua providencia a alternaçaõ do tempo nos quatro tempos do anno; tres mezes de Primavera, tres de Estio, tres de Outono, & tres de Inverno; tres de Inverno, para o rigor; tres de Primavera, para a caricia; tres de Estio, em que se visse a chamada severidade incendiada; tres de Outono, em que se achasse temperada. Repara Beda, em que razaõ haveria para adorarem os Gentios por Nume supremo a Jupiter. E porque a Diana só o dominio dos bosques, a Proserpina o dos abyssos, a Neptuno o dos mares, a Pan o dos matos, a Juno o do ar, á Lua o da noite, a Flora o dos jardins, & a Jupiter o universal, & absoluto imperio de tudo? E responde, que o fizeraõ assim, porque Jupiter no Ceo está entre Saturno, & Marte; Saturno frio, Marte fogofo, & Jupiter temperado: *Jupiter*

Genef. cap.  
4.

Phil. de O-  
pific. mundi.

Bedalib. de  
ration. cõ-  
put.

Ezechiel.  
cap. 1.

Id. cap. 10.

Pint. hie.

*ter frigore Saturni, & ardore Martis hinc inde temperatur;* & o Principe supremo nem hade ser todo fogo como Marte, nem todo frio como Saturno, senão que hade temperar o fogo de Marte com o frio de Saturno, & o frio de Saturno com o fogo de Marte.

219 Ainda com algũa circumstancia mais notavel, & ventajosa propoz Deos o jeroglifico de hum soberano Rey ao Profeta Ezechiel naquelle mysterioso Carro, em que diz Fr. Heytor Pinto, lhe figurou a norma de hum perfeito governo. Tiravaõ por elle quatro enigmaticos espiritos; Homem, Leaõ, Boy, & Aguia; & affirma o douto Padre, que aquelles quatro espiritos compunhaõ hum só fugeito com quatro diferentes rostros: assim se colhe do Profeta, que no Capitulo decimo infinua, que todos quatro se reduziaõ a hum só: *Et elevata sunt Cherubim, ipsum est animal, quod videram juxta fluvium Chobar.* Era pois aquelle Carro hum symbolo do governo; as rodas eraõ os vassallos; & o espirito com quatro rostros figurava ao Rey: *Quatuor facies uni.* E porque se representa com tantos rostros hum Rey, não sendo para prezado hum homem de muitos rostros? Porq̃ para hum Rey ser o q̃ deve, deve ser nas operações Homem, Leaõ, Boy, & Aguia; Boy para as coufas graves, & Aguia para as sublimes; Aguia, para voar com o discurso; Boy, para sofrer o trabalho; porque Aguia sublime sem vulto de Boy fará o governo aereo; Boy trabalhador sem vulto de Aguia, fará o governo brutal; agudeza sem trabalho, he sutileza infructifera; trabalho sem discurso, he fadiga rustica: hade ser tambem o Rey homem, & Leaõ; Leaõ para a ferocidade, & homem para a brandura; porque  
homem.

homem brando, sem vulto de Leão, fará o governo remisso; Leão feroz, sem vulto de homem, fará o governo tyrannico; justiça sem misericordia, he crueldade palliada; misericordia sem justiça, he piedade estulta; porèm agudeza com trabalho, & misericordia com justiça, fazem o governo optimo, & acreditaõ ao Rey de cabalmente perfeito.

220 Só tendo estas condições se acredita de bom hum Rey; mas não são estas condições sóas, as que constituem a hum Rey consummadamente bom; porque para este ter hũa consummada bondade, diz o Berchorio, que se requerem vinte & duas condições. Deve ser Intrepido, Forte, Acautelado, Clemente, Justo, Diligente, Humilde, Astuto, Estavel, Authentico, Liberal, Sabio, Innocente, Pacifico, Honesto, Flevel, Devoto, Tranquillo, Severo, Modesto, Facil, & Parco: Intrepido, para preceder em os perigos; Forte, para resistir aos contrarios; Acautelado, para prever os successos; Clemente, para conceder as graças; Justo, para proferir as sentenças; Diligente, para inquirir as causas; Humilde, para servir aos povos; Astuto, para conhecer os procedimentos; Estavel, para perseverar nos propositos; Authentico, para conciliar os respeitos; Liberal, para repartir os premios; Sabio, para reger os dominios; Innocente, para attrahir com os exemplos; Pacifico, para evitar os estragos; Honesto, para edificar os vassallos; Flevel, para chorar os defeitos; Devoto, para offertar holocaustos; Tranquillo, para ouvir a todos; Severo, para castigar os delitos; Modesto, para se conter nos ditos; Facil, para crer os bons conselhos; Parco, para em

Berchor. in  
Dicit. mo-  
ral.

a mesa não escandalizar com os excessos: *Rex debet esse*

*Audax, ad præcedendum,*

*Fortis, ad resistendum,*

*Cautus, ad prævidendum,*

*Clemens, ad indulgendum,*

*Iustus, ad iudicandum,*

*Diligens, ad inquirendum,*

*Humilis, ad serviendum,*

*Astutus, ad cognoscendum,*

*Stabilis, ad perseverandum,*

*Authenticus, ad imperandum,*

*Liberalis, ad præmiandum,*

*Sapiens, ad gubernandum,*

*Innocens, ad operandum,*

*Pacificus, ad convivendum,*

*Honestus, ad conversandum,*

*Flebilis, ad Deum timendum,*

*Devotus, ad offerendum,*

*Tranquillus, ad audiendum,*

*Severus, ad corrigendum,*

*Modestus, ad loquendum,*

*Facilis, ad consilium credendum,*

*Parcus, ad vinum gustandum.*

221 De modo que deve o Rey ser *Intrepido*, para preceder nos perigos; como o Rey das abelhas, que sempre precede a todas; que he o que se louva em Julio Cesar, que nunca disse aos seus soldados: Hede para alli; senão: Vinde para cá; não os mandava para onde elle não hia, senão que os precedia, para onde os chamava.

Ifai. cap. 19.  
n. 4.

222 *Fortis*, para resistir aos contrarios: *Rex fortis domina-*

*domina-*



*dominabitur eorum*; que a natureza, que jurou o Leão Rey de todos os animaes, o fez mais forte que todos: *Leo fortissimus bestiarum.*

223 *Acautelado*, para prever os successos; porque o Espirito Santo condemna por indiscreto a todo, o que não prevè os successos acautelado: *Rege sene, & stulto, qui nescit praevidere in posterum*: ainda o Rey dos Grous anda sempre entre os demais com a cabeça levantada vigiando para a cautela.

224 *Clemente*, para conceder as graças; porque, como disse Seneca, nada assenta melhor no Principe, do que a clemencia; antes o Espirito Santo afirma, que com a clemencia se roborá, & corrobora o assento da regalia: *Misericordia, & veritas custodiunt regem, & roboratur clementia thronus ejus.*

225 *Justo*, para proferir as sentenças; porque do Rey não só he propriissima a justiça: *Ecce in justitia regnabit Rex*; senão que em amar a justiça se cifra a sua honra: *Honor Regis judicium diligit*; & se a clemencia roborá o throno, a justiça firma o folio: *Justitia firmatur solium.*

226 *Diligente*, para inquirir as causas; porque a gloria dos Reys, he investigar as causas: *Gloria Regum est investigare sermonem.* Por isso na occasião, em q Job se propoz Rey: *Cum sederem quasi Rex*, disse, que o que principalmente obrára entre as demais causas, fora investigar as causas: *Et causam, quam nesciebam, diligentissime investigabam.*

227 *Humilde*, para servir aos povos; porque, como já advertimos, os Reys são servos dos vassallos, servindo mutuamente por diferentes estylos huns a outros; os vassallos aos Reys desfazendo-se para o seu

Prov. cap. 30. n. 30.

Ecclef. cap. 4. n. 13.

Senec. lib. 1. de Clem. ad Neron.

Prov. cap. 20. n. 28.

Isai. cap. 32. n. 1.

Psal. 98. n. 4.

Prov. cap. 16. n. 12.

Id. cap. 25. n. 2.

Job cap. 29. n. 16.

seu obsequio, os Reys aos vassallos desfazendo se para o seu aproveitamento, & para o seu reparo: são os povos representados nas aguas: *Aquæ populi sunt*; são os Reys symbolizados na espuma: *Transire fecit Samaria, quasi spumam, Regem suum*; porque do mesmo modo, que as aguas fazem as espumas, & as espumas se desfazem nas aguas, devem os povos fazer os Reys, & os Reys desfazer-se nos povos. Observou o Abulense, que antiguamente a coroação dos Reys se fazia, ou junto das fontes, ou junto das arvores: *Coronatio Regum fiebat apud fontes, & arbores*; para lhes persuadir, que deviaõ ser como as arvores, & como as fontes: as arvores servem com os seus fructos para o sustento; as fontes servem com as suas aguas para o refrigerio; & os Reys devem fervir aos vassallos, de fontes para o refrigerio, & de arvores para o sustento.

228 *Astuto*, para conhecer os procedimentos; porque, como diz Salamaõ, todo o astuto conhece a sabedoria: *Omnis astutus agnoscit sapientiam*; & a Aguia, que na volatil republica he coroada Rainha, tem mais perspicaz a vista, & he a de mayor astucia.

229 *Estavel*, para perseverar nos propositos; porque he credito da regalia a immutabilidade em os decretos: *Scito Rex, quòd lex Medorum, atq; Persarum est, ut omne decretum, quod constituerit Rex, non liceat immutari*. O Leaõ, que he o Rey dos animaes, tem o pescoço immovel, porque a immobilidade he prerogativa dos Reys.

230 *Authentico*, para conciliar os respeitos; porque o Leaõ com o vulto, com o aspecto, & com o rugido faz se temido, & respeitado; & o Rey não he respei-

Apocal. cap.  
17. n. 15.  
Osee cap.  
10. n. 7.

Abulens. 3.  
Reg. 1. q. 23

Eccles. cap.  
18. n. 28.

Daniel. cap.  
6. n. 15.

respeitado, senão he temído, & só governará bem, quando for grande o seu respeito, & a sua authoridade: *Grandis authoritatis es, & benè regis regnum Israel.*

3. Reg. cap. 21. n. 7.

231 *Liberal*, para repartir os premios; porque não he Rey, senão he liberal: he o Leão Rey das feras, & a Aguia Rainha das Aves, & não comem as prezas sós, senão que as repartem com as outras: he o mar o Rey das Aguas, a quem rendem vassallagem, & a quem pagão tributo as fontes, & mais os rios; & por isso a natureza lhe deu occultos meátos, para repartir as aguas com os rios, & com as fontes: he a Romãa Rainha dos pomos, & per si mesma se abre, para repartir os seus robís em os bagos: he a Rosa Rainha das flores, & por isso nasce córada de pejo, porque teve algum tempo em o claustro do botaõ encerrado o seu ouro.

232 *Sabio*, para reger os dominios; porque só o reynar com saber, he saber reynar: *Regnabit Rex, & sapiens erit*; & como diz o Divino Oraculo, a sabedoria do Rey he o estabelecimento do povo: *Rex sapiens stabilimentum populi.*

Jerem. cap. 23. n. 5.

Sap. cap. 6. n. 26.

233 *Innocente*, para attrahir com os exemplos; porque são tam poderosos os seus exemplos para a composiçã dos vassallos, & dos povos, que he proloquio commum, que *Regis ad exemplum totus componitur orbis.* São os Reys, como os relogios, & se estes se desconcertão, como haõ de andar ajustados, os que se governaõ por elles? para os vassallos não serem reos, haõ de ser innocentes os Reys: *Rex autem, & thronus ejus sit innocens.*

3. Reg. cap. 14. n. 9.

234 *Pacifico*, para evitar os estragos; porque assim se segura os vivas, & acclamações; pois por Salamaõ

3. Reg. cap.  
1. n. 39.

lamaõ ser pacifico, segundo a interpretaçaõ do seu nome: *Salomon, id est, Pacificus*, se lhe entoáraõ as acclamações, & os vivas: *Vivat Rex Salomon.*

Ifai. cap. 33.  
n. 17.

235 *Honesto*, para edificar os vassallos; porque só he o Rey decoroso, quando os vassallos o vem honesto: *Re gem in decore suo videbunt oculi.*

Pfal. 6. n. 7.

236 *Flevel*, para chorar os defeitos, como fazia David, que com as lagrimas dos olhos se purificava dos erros: *Lacrymis meis stratum meum rigabo*: se for homem em o errar, seja tambem em o chorar homem.

Matth. cap.  
2. n. 11.

237 *Devoto*, para offertar holocaustos, imitando aos Magos, que tiveraõ para com Deos a melhor Estrella, pelos thesouros, & pelos holocaustos, que lhe offerecèraõ devotos: *Proidentes adoraverunt eum; & apertis thesauris suis obtulerunt ei munera.*

Sap. cap. 6.  
n. 2.

238 *Tranquillo*, para ouvir a todos; porq' nos Reys não ha entender sem ouvir, nem ouvir sem entender: *Audite Reges, & intelligite*; só ouvindo com paciencia as queixas de huns, & as satisfações de outros; as razões, que hum allega para ser provido no posto, & o fundamento, que outro tem, para requerer o despacho, entenderá o que deve obrar; & não ouvindo, não obrará como entender.

Prov. cap.  
20. n. 26.

239 *Severo*, para castigar os delitos; porque assim como he gloria não faltar com o premio aos bons, assim tambem he esplendor o dissipar com o castigo aos máos: *Dissipat impios Rex sapiens*. A Mãe de Deos tanto louvou ao Senhor pela piedade, com que exaltou aos humildes, quanto pela severidade, com que deprimio aos soberbos; antes poz em primeiro lugar a depressaõ dos soberbos, & em segundo a exaltação dos humildes: *Deposuit potentes de sede, & exaltavit humiles.*

Luc. cap. 1.  
n. 52.

Mo-

240 *Modesto*, para se conter nos ditos; porque os dos Reys devem ser muito comedidos, & muito considerados: como nos Reys devem ser muito premeditadas as obras, devem tambem ser muito advertidas, & circunspectas as palavras: *Continebunt Reges os suum.*

Isai. cap. 52.  
n. 15.

241 *Facil*, para crer os bons conselhos; para o que deve não admittir aos conselhos os máos, porque os máos não podem dar conselhos bons: *Consilia impiorum fraudulenta*: nem he defeito, antes effeito de bom, & de sabio Principe, o multiplicar as juntas, & o repetir os conselhos, para expedir os negocios; porque Salamaõ, que foi o mais prudente, & o mais sabio Rey, affirma, que se segura o acerto dos negocios na multidaõ dos conselhos: *Salus autem, ubi multa consilia.*

Prov. cap.  
12. n. 5.

Id. cap. 11.  
n. 14.

242 *Ultimamente Parco*, para em a mesa não escandalizar com os excessos; porque só com a sobriedade se dá inteiro complemento a hum tam sublime ministerio: *Ministerium tuum imple; sobrius esto.* Se Balthazar observasse na sua mesa a devida parsimonia, póde ser, que se lhe não escrevesse em a parede da casa a sentença da ruina; intimou selhe a sentença, estando sentado á mesa, como se as demafias, com que escandalizava na mesa, fossem as que lhe fizessem summario o processo para a sentença. Se Herodes se ouvesse com parsimonia no banquete, não rematára tam infelizmente o seu convite; porque faltou ás atenções de parco, faltou tanto ás obrigações de Rey, que rompeo em o absurdo, de apresentar a cabeça de hum homem, como Joaõ, por igua-

2. Timot.  
cap. 4. n. 5.

Daniel. c. 5.

Marc. c. 6.

theatro da profanidade, misturar-se com o vinho o fangue.

243 Estas são as condições, que consummao, & cabalizaõ de perfeito a hum Rey; & em El Rey D. Pedro II. se admiraõ perfeitamente practicas, & desempenhadas todas estas condições. Quem mais *Intrepido* nas empresas dos perigos? Quem mais *Forte* na tolerancia dos trabalhos? Quem mais *Acautelado* na previsaõ dos successos? Quem mais *Clemente* em a outorga das graças? Quem mais *Justo* na prolaçaõ das sentenças? Quem mais *Diligente* na inquiriçaõ das causas? Quem mais *Humilde* no tratamento dos subditos? Quem mais *Astuto* no conhecimento dos procedimentos? Quem mais *Estavel* na perseverança dos propositos? Quem mais *Authentico* na conciliaçaõ dos respeitos? Quem mais *Liberal* na repartiçaõ dos premios? Quem mais *Sabio* no regimen dos dominios? Quem mais *Innocente* para a attracçaõ dos exemplos? Quem mais *Pacifico* para a conservaçaõ dos povos? Quem mais *Honesto* para a edificaçaõ dos vassallos? Quem mais *Flevel* na imaginaçaõ dos apparentes defeitos? Quem mais *Devoto* na assistencia aos sacrificios, & oblaçaõ dos holocaustos? Quem mais *Tranquillo*, incansavel, & paciente nas continuas audiencias, que dá a todos? Quem mais *Severo* na puniçaõ dos delitos? Quem mais *Modesto* na circunspecçaõ dos ditos? Quem mais *Facil* em assentir aos bons conselhos? Finalmente quem mais *Parco*, quem mais temperado, & quem mais sobrio? comprehendendo em si muito mayores perfeições, que as que em Agefilao applaudio Xenofontes. Ao Sol chamou Marciano, Rey: *Rex natura*: o nosso, he o Sol

o Sol dos Reys ; & se os Soes fossem muitos , era capaz de ser Rey dos Soes.

244 Muitos Reys houve em o mundo, que se especializáráõ em particulares virtudes ; porèm em El Rey D. Pedro II. de Portugal , venera a admiração , & respeita o assombro felizmente recopiladas, todas as que em os mais se acháraõ divididas ; podenfelhe applicar sem sombra de adulação , o que Claudiano cantou de Estelicon com refaibo de lisonja:

— *Sparguntur in omnes,*

*In te mixta fluunt, & quæ divisa beatos*

*Efficiunt, collecta tenes.*

Claudian.  
de Laud.  
Sulicon.

E se lhe devem attribuir aquelles famosos titulos, que se achaõ repartidos, não só pelos outros Reys do Reyno de Portugal , senão ainda pelos Reys estranhos , & Imperadores antigos : o de *Pio* , como Antonino , & Antiocho ; o de *Grande* , como Carlos, Constantino , & Alexandre ; o de *Augusto* , como Octaviano ; o de *Bemfeitor* , como Ptolemeo ; o de *Fusto* , como Aristedes ; o de *Aguia* , como Pyrrho ; o de *Sabio* , como Affonso de Castella ; o de *Largo* , como Affonso de Aragaõ ; o de *Prudente* , como Philippe ; o de *Defensor da Fè* , não como , mas mais que a Henrique de Inglaterra ; porque aquelle com o procedimento de depois desmentio o nome de antes ; & este sempre constante na Fè desempenha em as obras aquelle preclaro titulo de *Filho obedientissimo da Igreja* , que entre todos os mais escolheo aquelle animo reverente, & generoso d'El Rey D. Sebastião, a quem mandando perguntar o Pontifice Pio V. com que titulo queria ser illustrado entre os mais Reys Christãos pelos serviços , que havia feito á Igreja

Filho

Kk ij

Catho-

Vasconcel.  
de Reg.  
Portugall.  
apud Sylv.  
opusc. 2. re-  
folut. 41. q.  
3. n. 25.

Catholica? respondeo, que não queria titulo de mayor honra, que o de *Filho obedientissimo da Igreja*; o de *Povoador*, como D. Sancho II. o de *Magno*, como D. Joaõ I. o de *Perfeito*, como D. Joaõ II. o de *Pacifico*, como D. Joaõ III. finalmente o de *Felicissima*, & *gloriosa memoria*, como o em tudo glorioso Senhor Rey D. Joaõ o IV. a quem para apice de sua gloria bastava ser Pay de hum tal Filho; assim como a este Filho para sublime remate da sua soberania bastava o ser Filho de hum tal Pay.

Clavdian.  
de l. ob.  
nobilis

245 Sendo pois estas concisa, & brevemente referidas as excellencias, as virtudes, as glorias, & as grandezas do soberano Monarcha, q a felicidade da nossa Serenissima Rainha lhe dispensou por Esposo; como se em semelhante conforcio não consistisse para a sua estimação tam ventajosa felicidade, não punha esta tanto no excelfo de seu ditoso desposorio, quanto no sublime de seu preclaro procedimento; fazendo mayor apreço de se acreditar com os dotes, & perfeições pessoas de digna Conforte do Esposo que conseguiu, que da fortuna de haver conseguido por Conforte hum tam esclarecido Esposo. Se se ler com attenção todo o livro dos Cantares, acharseha, que em todo elle a Esposa, que era filha de Farad, não nomea por Esposo seu a seu Esposo Salamaõ; sendo assim, que Salamaõ em repetidos lugares a nomea por sua Esposa: *Veni de Libano Sponsa mea: Vulnerasti cor meum Soror mea Sponsa: Pulchrae sunt mammae tuae, Soror mea Sponsa: Hortus conclusus, Soror mea Sponsa: Veni in hortum meum, Soror mea Sponsa.* E pois se Salamaõ tantas vezes a nomea por Esposa a ella; porque razão nem hua só vez nomea ella por Esposo

Cant. cap.  
4. n. 8.  
Ibid. n. 9.  
10. & 12.

Cap. 5. n. 1.



Esposo a Salamaõ? Será desprezo, com que o trata? Não; porque este não se compadece com o extremo, com que o ama; não pôde desprezar a hum Esposo, a quem vinte & cinco vezes declara por seu querido, & publica por seu amado: *Dilectus meus*. Porém em estas tam repetidas confissões do seu extremo se reforça mais o reparo de lhe não dar em nenhuma o titulo de Esposo. Mas não lhe expressou o titulo, exprimindo o agrado, para mostrar, que a dita de seu illustre desposorio não era, o em que a sua estimação cifrava o mayor apreço. Era aquella Esposa dotada de tantas prendas, & de tantas perfeições, que o mesmo Esposo não acabava de louvarlhe as perfeições, & encarecerlhe as prendas; já lhe chamava pela mansidão, & fingelez, candida Pomba: *Columba mea*; já a publicava immaculada: *Immaculata mea*; já a applaudia perfeita: *Perfecta mea*; em summa era tam Santa em a Alma, q se levantou a mayores com a antonomasia de Alma Santa; & pondo em equilibrio para a estimação, ou a gloria, que lhe resultava de haver conseguido hum tal Esposo; ou a que lhe procedia das perfeições, & virtudes, com que se acreditava digna, & merecedora do Esposo, que conseguiu, fazia mayor apreço das perfeições, que a acreditavaõ digna do Esposo que conseguiu, do que da felicidade de haver conseguido hum tal Esposo; & por isso, nomeando a elle tantas vezes por Esposa a ella, ella nem hũa só vez o nomeou por Esposo a elle.

246 Era aquella Esposa a mais propria allegoria da nossa gloriosa Rainha; porque era filha de Principe por nascimento: *Filia Principis*, & Rainha por despo-

Ibid. cap. 5.  
n. 2.  
Et cap. 6. n. 1  
8.

desposorio; sendo Esposa de Salamaõ, que no Reyno de Israel foi hum symbolo expresseo d'ElRey D. Pedro II. no Reyno de Portugal; hum, & outro Salamaõ, no Sabio, & no Pacifico: *Rex Pacificus*: aquelle filho de David, que sendo primeiro Duque: *Constituerit te Ducem super Israel*, foi acclamado em Rey libertador de Israel: *Rex liberavit nos de manu inimicorum nostrorum*; o nosso, Filho de Joaõ, que sendo Duque primeiro, foi acclamado em Rey libertador de Portugal: aquelle, filho de David, a quem tomou a maõ direita de Deos debaixo da sua protecçaõ: *Dextera tua suscepit me*; o nosso, Filho de Joaõ, para cuja protecçaõ empenhou a sua maõ direita o mesmo Filho de Deos, despregando-a da Cruz em a sua acclamaçaõ: aquelle, era Senhor de hum Imperio, em que Deos estabeleceo para si hum Reyno: *Super solium David, & super regnum ejus sedebit*; o nosso, he Senhor de hum Reyno, em que o mesmo Deos declarou, que queria para si estabelecer hum Imperio: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire*: aquelle, era Senhor de hum Reyno, q̄ figurava o de Christo, do qual disse o mesmo David, que se havia extender o seu dilatado Imperio, & dilatar o seu vasto dominio de hum mar a outro mar, & de hum rio atè os termos da terra: *Dominabitur à mari usque ad mare, & à flumine usque ad terminos orbis terrarum*; que diante delle se haviaõ de prostrar os moradores da Ethiopia: *Coram illo pròcident Æthiopes*; que lhe haviaõ ofertar dons os Reys de Tharsis, os das Ilhas, & os da Arabia: *Reges Tharsis, & Insulae munera offerent; Reges Arabum, & Saba dona adducent*. Aquelles dous mares, hum he o Indico, & outro o Oceano, como expli-

ca Menochio : *A mari Indico usque ad mare Oceanum*; Menoch. Tirin.  
 aquella Rio , o Eufrates , como expoem Tirino : *A flumine Euphrate* ; aquella Tharfis , Sena , & Sofala , como glofa Caetano : *Reges Sena* ; aquellas Ilhas , as Caictan.  
 Orientaes , como commenta Menochio : *Reges Insularum Orientalium*. E pois não he o mesmo Imperio , o Menoch.  
 a que os Reys de Portugal extendem o seu dominio? Prov. cap. 18. n. 21.  
 aquella desde o mar Indico até o Oceano , o dos 1. Corinth. cap. 13. n. 7.  
 Reys de Portugal desde o mar Oceano até o Indico : Demost.  
 aquella desde o Rio Eufrates no Oriente até o Eccl. cap. 26. n. 1.  
 Occaso , o dos Reys de Portugal desde o Rio Tejo no Occaso até o Oriente : aquella dilatado á Ethio-  
 pia , á Arabia , a Sena , & a Sofala , ás Ilhas , & á terra firme , o dos Reys de Portugal até os mesmos confins extendido , & dilatado.

247 Assim eraõ aquella Esposa , & aquella Esposo de entaõ , mysteriosos emblemas deste Esposo , & desta Esposa de agora ; Salamaõ , do nosso Rey , a Esposa , da nossa Rainha : se pois aquella Esposa não fazia tanto apreço da felicidade , que lograva no Esposo , que conseguiu , porque toda se empenhava em a perfeiçaõ dos dotes , que a comprovavaõ digna de conseguir hum tal Esposo , que no Reyno de Israel era soberana idèa d'El Rey D. Pedro II. no Reyno de Portugal ; com razãõ a nossa Rainha não fazendo tanto apreço da felicidade , que lograva no Esposo , que conseguira , toda se mostrava empenhada nos dotes , & perfeições , que a acreditavaõ digna de lograr hum tal Esposo , que no Reyno de Portugal era verdadeira copia de Salamaõ no Reyno de Israel ; como quem reconhecia , que a mayor felicidade consiste em a virtude : em termos taes , que mayor foi,  
 parece

parece, a felicidade do Esposo em alcançar tal Esposa, que a felicidade da Esposa em o ser de hum tal Esposo. E porque? Porque com esta Esposa lhe acrescèraõ os bens, se lhe augmentou a gloria, se lhe duplicou a vida, & se lhe multiplicou a Coroa: acrescèraõlhe os bens; porque, como diz Salamaõ, hũa mulher boa, he hum tal bem, que acha hum grande bem, o que acha hũa mulher boa: *Qui invenit mulierem bonam, invenit bonum*: augmentou selhe a gloria; porque hũa boa mulher, he gloria do seu varaõ, como affirma o Apostolo: *Mulier autem gloria viri est*: duplicou selhe a vida; porque he texto expresso do Oraculo Divino, que se duplicaõ os annos da vida ao que teve o bem de ter hũa mulher boa: *Mulieris bonæ bonus vir; numerus enim annorum illius duplex*: multiplicou selhe a Coroa; porque he irrefragavel, & infallivel Proverbio, que a mulher diligente, he para o seu Esposo a Coroa mais brilhante: *Mulier diligens Corona est viro suo*; antes he graça sobre graça hũa mulher virtuosa, & santa: *Gratia super gratiam mulier sancta, & pudorata*.

Prov. cap.  
18.n.21.

1. Corinth.  
cap. 11.n.7.

Ecclef. cap.  
26.n.1.

Prov. cap.  
12.n.4.

Ecclef. cap.  
26.n.19.





TERCEIRA FELICIDADE.

OS FILHOS.

248



Terceira Felicidade, que logrou a nossa Rainha, foi, o ser Mãe de huns taes Filhos. He verdade, que os Antigos Filozofos, attendendo ás pensões, que trazem comfigo os filhos, não tinhaõ a sua propagação por felicidade. Assim o disse expressamente Democrito: *Non probo liberorum propagationem; nam in ipsorum possessione multa, magnaue discrimina inesse video, & molestias plurimas: pauca verò jucunda, atque tenuia, & exilia.* Euripides não se sabia resolver no que devia julgar; porque de hũa parte via, que os que não tinhaõ filhos, se avaliavaõ por miseraveis; & por outra parte considerava, que aquelles, que os tinhaõ, em nada eraõ mais felices; porque sendo máos, o telos he a mayor calamidade; & sendo bons, o conserva-los, he a ancia mayor:

*Dubius quidem sum, neque dijudicare possum,  
Utrum melius sit progigni liberos  
Mortalibus, aut sterili vita frui.  
Istos enim, quibus liberi nulli sunt, miseros esse video:  
Et contra illos, qui prolem genuerunt, nihilo feliciores;  
Nam, si mali fuerint, extrema calamitas est;  
Rursus, si probi evadant, magnum pariunt malum,  
Affligunt enim genitorem, dum, ne quid patiantur, metuit.*

Petrarcha chamou aos filhos, mal duplicado, pezo domestico, doçura amargosissima, fel misturado

Horat.  
Meth. cap.  
17. n. 4.  
Christof.  
hom. 1. de  
Anna.  
Democrit.  
Genet. cap.  
1. n. 1.  
Ibid. n. 1.  
Euripid.  
Petra. Dialog. 70.

com mel; fonte de graves cuidados; & que não servem de mais, que para magoa dos pays vivos, & conhecimento dos pays mortos; allegando para o seu intento aquelle dito de Horacio, que chamava por amor dos filhos, miseraveis, & infelices ás mays: *O matres miseræ!*

Horat.

249 He com tudo para os pays, & principalmente para as mãys, como notou S. Ioaõ Chrysoftomo, infelicidade tam grande o não ter filhos, que não ha prosperidade algũa, que lhes remedee a pena desta infelicidade: *Scitis omnes, nihil gravius accidere posse foeminae, quàm si liberis careat: adeo, ut si mille prosperitatibus alioqui fruatur, dolorem ex hoc vulnere natum haud unquam ex animo valeat depellere.* Por isso prometendo Deos grandes felicidades a Abrahaõ: *Ego protector tuus sum, & merces tua magna nimis,* respondeo Abrahaõ a Deos: Senhor, que me haveis de dar, se me não dais filhos: *Domine Deus, quid dabis mihi? Ego vadam absque liberis;* como que senão lhe dando Deos filhos, não tivesse cousa algũa estimavel, que lhe dar: faõ os filhos hum tam grande bem, que não ha para os pays bem algum, sem o bem dos filhos; por mais bens, que Deos desse a Abrahaõ, achava Abrahaõ, que sem filhos não lhe podia Deos dar bens, ou não tinha bens, que lhe dar: muitas bençãos deu Deos a Abrahaõ; porèm como na dos filhos se cifrava a mayor bençãõ, a esta só attendia, & só esta estimava; porque esta he a bençãõ, que dá aos seus amigos Deos; testemunha-o o Psalmista: *Uxor tua sicut vitis abundans in lateribus domus tuae: & filii tui sicut novellae olivarum incircuita mensa tuae. Ecce sic benedicetur homo, qui timet Dominum.* Em summa, não ha gloria mayor do  
que

Chrysoft.  
hom. 1. de  
Anna.Genes. cap.  
15. n. 1.

Ibid. n. 2.

Psalm. 127.  
n. 3. & 4.

que o ter filhos ; & não ha pena mayor , do que não os ter.

250 Que não haja para os pays gloria mayor, que a de ter filhos , he tam certo , q̄ ainda o mesmo Deos tem no Filho a sua gloria ; não só , porque declarou ter nelle a sua complacencia : *Hic est Filius meus dilectus , in quo mihi benè complacui* ; senão , porque havendo de dizer o Profeta Euangelico , que havia Deos revelar ao mundo o feu Filho , disse, que havia revelar a sua gloria ao mundo : *Revelabitur gloria Domini*. De donde he muito para notar , dizer-se por antonomasia gloria de Deos o Verbo , & não se dar este titulo ao Espirito Santo , procedendo o Espirito Santo do Pay, tam Divino , tam Soberano , & igual em tudo ao Verbo. A razão desta differença assigna a Theologia ; porque o Verbo , como procede pelo entendimento, formalmente por força da sua processão he Filho ; & o Espirito Santo, como procede pela vontade , não he Filho formalmente por força da sua processão ; & he tam grande gloria de Deos o ter Filho , que o Verbo , que formalmente por força da sua processão he Filho , só se diz por antonomasia a gloria de Deos : *Gloria Domini*. E a razão desta razão he ; porque na producção do Filho se constitue o Senhor Pay ; & he a razão de Pay tanta gloria do Senhor , que no modo , que dizer-se póde , faz, parece, mayor apreço da nomenclatura de Pay , que do titulo de Deos. Assim o deu a entender Christo, quando propoz aos Apostolos a sua gloriosa Ascensão ; porque lhes disse assim : *Ascendo ad Patrem meum , & Patrem vestrum ; Deum meum , & Deum vestrum*. Subo para o meu , & vosso Pay ; & para o meu , & vosso

Matth. cap.  
17. n. 5.

Isai cap. 40.  
n. 5.

Joann. cap.  
20. n. 17.

Deos. Parece, que devia Christo trocar os termos, para fallar com acerto; primeiro devia dizer, Subo para o meu, & vosso Deos; & depois, Subo para o meu, & vosso Pay; porque o titulo mayor, mais soberano, & mais glorioso se costuma pòr primeiro; porèm como Christo era tanto do coração do Pay: *Unigenitus, qui est in sinu Patris*, fallou do Pay, como quem lhe conhecia o coração; poz primeiro, que o titulo de Deos, a nomenclatura de Pay, como se para o seu apreço estivesse em primeiro lugar a nomenclatura de Pay, que o titulo de Deos.

E que não haja tambem pena mayor para os pays, & principalmente para as mãys, que a dor de não ter filhos, prova-o com a galanteria, & erudição costumada a luz mayor dos Prègadores; porque sendo as dores do parto excessivamente grandes: *Ibi dolores, ut parturientis*; a dor de não ter essas dores ainda he para as mãys muito mayor dor. E com razão; porque se as dores da morte são mayores, que as do parto: *Circumdederunt me dolores mortis*; o não ter as dores do parto he hũa dor como as da morte. Anna mulher de Elcana era esteril, & Phenena tambem sua esposa era fecunda: escandalizado Deos da sua soberba esterilizou a Phenena; & movido da sua humildade fecundou a Anna. Deu esta graças a Deos pelo beneficio em hum gratulatorio cantico, & he muito de notar os termos, com que louva a Deos, por haver fecundado a hũa, & esterilizado a outra: alludindo á esterilidade, com que castigou a Phenena, trata-a com os termos de morte; & á sua fecundidade dalhe o nome de vida: *Dominus mortificat, & vivificat*. Phenena he certo q̃ ao depois ficou viva; & que

Id. cap. 1. n. 18.

Vieyr. no Serm. do nascim. da Seren. Infant. Psalm. 47. n. 7.

Psalm. 114. n. 3.

1. Reg. cap. 2. n. 6.



que Anna antes não estava morta ; porèm antes estava Anna esteril , & Phenena fecunda ; depois ficou Anna fecunda , & Phenena esteril ; & como se a esterilidade fosse morte , & a fecundidade vida , disse , que Deos fecundando a esteril , lhe dera a vida , & esterilizando a fecunda , lhe dera a morte ; antes hũa morte mais sensível , que a mesma morte , porque reduzida hũa mulher aos termos de não ter filhos , ou aos termos de morrer , antes quizera morrer , do que não ter filhos : assim o disse a Jacob , vendo se infecunda Rachel : *Cernens autem Rachel, quòd infœcunda esset.... dixit marito suo : Da mihi liberos , alioquin moriar.* De modo que , subindo ao galarim a dor , as do parto são muito grandes ; as da morte são mayores ; as da infecundidade são maximas , porque excedem ás do parto , & ainda ás da morte.

Genes. cap. 30. n. 1.

252 Assim he , o ter filhos , a mayor gloria dos pays ; & assim he , o não ter filhos , a mayor pena das mãys ; mas de tal forte he a mayor pena das mãys , que tambem he a pena mayor dos pays. Por isso deprecando a Deos o Profeta Jeremias o mayor mal para os seus contrarios , a praga , que lhes rogou , foi , que ficassem suas mulheres sem filhos : *Fiant uxores eorum absque liberis* ; porque o ficarem sem filhos as mãys , he a mayor pena dos pays. Job , sendo o passmo da paciencia , & o assombro da constancia , sofrendo com paciencia heroica todas as mais adversidades , só quando lhe deraõ a nova de serem os seus filhos mortos , rasgou como impaciente os vestidos : *Tunc surrexit Job , & scidit vestimenta sua* ; mostrando incomparavel sofrimento em tudo o mais , só a dor de ficar sem filhos lhe apurou o sofrimento de todo.

Jerem. cap. 18. n. 21.

Job cap. 1. n. 20.

E porque?

E porque? Porque sendo os homens naturalmente amantes da posteridade, sem filhos perdem a esperança de conservar a posteridade, de que são amantes: sendo as gerações dos homens symbolizadas em as arvores, ha esta diversidade entre os pays, & os filhos em ordem á producção, & em ordem á conservação das suas gerações; que em ordem á producção os pays são as raizes, & os filhos as arvores; porque assim como as arvores tem por principio as raizes, assim os filhos tem por principio os pays; porém em ordem á conservação, os pays são as arvores, & os filhos as raizes; que por isso sendo Jessé o principio de Christo, chamou o Profeta a Christo, raiz de Jessé: *Radix Jesse*; porque assim como as arvores, se se chegaõ a cortar, reflorecem nas raizes; assim os pays, quando chegaõ a morrer, permanecem em os filhos; com o que, se não tem filhos, morrem sem a esperança de tornar a reflorecer na sua posteridade. Por isso querendo Job explicar na sua morte a mais extrema miseria, não se comparou á arvore cortada, senão á arvore arrancada; porque a arvore cortada, como lhe ficaõ as raizes, vai-se com a esperança de renovar o seu ser, & reflorecer a sua substancia nas raizes, que lhe ficaõ: *Lignum habet spem; si præcisum fuerit, rursus virescit, & rami ejus pullulant*; porém a arvore arrancada, como não deixa raizes, acaba sem esperança de tornar a florecer, & de outra vez germinar: *Quasi evulsæ arbori abstulit spem meam*. Não acaba Deos de exagerar a varonilidade generosa de Abrahaõ na resoluçãõ que tomou de sacrificar por seu amor a Isaac: *Quia fecisti hanc rem, & non pepercisti filio tuo unigenito propter me*. Mas se Deos foi,

Isai. cap. 9.  
n. 10.

Job cap. 14.  
n. 7.

Id. cap. 19.  
n. 10.

Genes. cap.  
22. n. 16.

foi, o que lhe mandou sacrificar o filho, que muito fazia Abrahaõ em cortar pelo amor do filho por amor de Deos? Fazia muito, & mais que muito, por que era Abrahaõ pay, & Isaac seu unigenito filho: *Filio tuo unigenito*; & posto de hũa parte o amor de Deos, & da outra o amor do filho; de hũa parte a gloria, que resultava a Deos de lho sacrificar; & da outra a pena, que resultava a Abrahaõ de ficar sem elle ao morrer, fez hũa cousa tam grande Abrahaõ em cortar pelo amor proprio no filho, que morrendo lhe faltava, por satisfazer ao amor, & ao preceito de Deos, que lho pedia; que ainda o mesmo Deos não acaba de explicar o grande, o generoso, & o heroico de Abrahaõ: *Quia fecisti banc rem*: claramente se vê logo, o quanto he extremosa a dor da falta dos filhos, não sómente para as mãys, senão tambem para os pays. E se isto assim he nos filhos, que, sendo já, deixaõ de ser por falta da existencia; que será em ordem aos filhos, que nunca foraõ, nem seraõ por defeito da fecundidade? Entre os Hebreos era a esterilidade infamia; entre os Christãos não he infamia, mas he excessiva pena. Como não hade sentir hũa mãy ver-se infecunda, se hũa terra esteril não he para estimada? E como não hade sentir hum pay o ver-se esteril, se de hum campo infecundo se não faz o menor caso?

253 Supposto o que temos dito, certamente se conclue, ser grande a felicidade, que logrou a nossa Rainha em ser venturosa mãy de taes, & de tantos filhos, dos quaes se póde affirmar com ventajosa razão o que disse o Poeta:

— *Et pulchra faciunt te prole parentem.*

He

Prov. cap. 14. v. 1.

Méridos in lib. 1. Reg. cap. 2. v. 37.

Cornel.

Aristot. in 2. 2. cap. 1.

Cornel.

Virgil.

Prov. cap.  
14. n. 1.

He Proverbio de Salamaõ, que a mulheŕ ſabia edi-  
fica a ſua caſa: *Sapiens mulier ædificat domum ſuam*; para  
o que devemos advertir, que póde ter tres ſentidos  
eſte verbo *Edificar*: ou ſignifica, ſervir com os bons  
exemplos de edificaçaõ aos outros; ou erigir caſa  
por edificio; ou fundar familia por geraçaõ; porque,  
como doutamente prova, & comprova Mendoça,

Mendoç. in  
lib. 1. Reg.  
cap. 2. n. 35.

os vocabulos de edificar, & gerar promiſcuamente  
ſe uſurpaõ em hũas, & outras letras, aſſim Divinas,  
como profanas: *Ædificandi, generandique vocabula pro-  
miſcuè in ſacris, profaniſque litteris uſurpantur*. No ſenti-  
do literal, diz Cornelio, que ſe entendem as pala-  
vras de Salamaõ de hũa ſabia mulheŕ, que edifica a  
ſua caſa, iſto he, a ſua familia, aſſim filhos, como  
ſervos, & aſſim filhas, como criadas, com a bondade  
dos exemplos: *Domum accipe familiam, ut filios, filias,  
ancillas, &c.* porque, como diz Ariſtoteles, a vida da  
mãe de familias he regra, porque ſe governa, & re-  
gula toda a caſa: *Matris familias vita totius domus eſt  
regula*: neſte ſentido ſe diz, que edificou Ruth a caſa  
de Booz; Rachel, & Lia a caſa de Jacob; Sara a caſa  
de Tobias; & Abigail a caſa de Nabal.

Cornel.

Ariſtot. in  
æncon. lib.  
2. cap. 1.

254 Em o ſentido ſymbolico, afirma o meſmo  
Cornelio, que ſe podem apropriar a hũa Rainha eſtas  
palavras; a qual com a ſua prudencia, com a ſua ſa-  
bedoria, & grande exemplaridade edifica não ſó-  
mente toda a caſa, familia, & geraçaõ do ſeu Eſpo-  
ſo, ſe não ainda todo o Reyno, cumulando-o de  
bens temporaes, & eſpirituaes: *Symbolicè mulier ſa-  
piens eſt Regina, quæ ſua ſapientia tam domum, & familiam,  
ſtirpemque mariti, quàm totum regnum ædificat, cumulatque  
omni bono temporali, & ſpirituali*; no qual ſentido Clo-  
tildes,

Cornel.

ſignif

tildes , & Branca , edificáraõ , esta a casa de Luis , & aquella a de Clodoveo , & ambas o Reyno de França ; Cunigundis a casa de Henrique I. Imperador , & todo o Imperio ; Heduvigis o Reyno de Polonia ; & Isabel , a Rainha por antonomasia Santa , o Reyno de Portugal .

Eu acho , & não me engano , que em todos os tres sentidos , em que se póde entender a palavra , *Edificar* , são naturaes , & propriiissimas á nossa gloriosa Rainha as sobreditas palavras ; porque edificou por edificio ; edificou por edificação ; & edificou por geração : edificou por edificio hũa casa para Deos ; edificou por edificação toda a sua familia , & toda a sua casa ; edificou por geração o Reyno de Portugal : edificou por edificio hũa casa para Deos , mandando fabricar de novo a despezas da sua fazenda em a Cidade de Beja hum sumptuoso Collegio da esclarecida Religiaõ da Companhia de Jesus , só a fim de que em elle se achassem sempre promptos os Obreiros Euangelicos , que fossem Missionarios com o seu costumado zelo em o campo de Ourique , pela grande necessidade , que se lhe representou haver em aquellas terras de ensino , & instrucção nas materias da Fè ; & como he aquella casa a dispêndios de sua Real Fazenda , justamente se verifica , que edificou a sua casa : *Ædificat domum suam* . Edificou por edificação toda a sua familia , & toda a sua casa , pela grande edificação , de que servia ao seu Palacio com o seu raro exemplo ; convertendo a eschola dos cortejos em aula de devoções , & a palestra das vaidades em theatro de virtudes ; sendo em todos , & em todas as acções muito comedidas , por reguladas , &

medidas pelas suas exemplarissimas acções. Edificou finalmente ( que he em este discurso o nosso principal intento ) ao Reyno de Portugal ; porque ella com a sua gloriosa geraçã se póde verdadeiramente applaudir, & acclamar, não só por reparadora, senão por edificadora deste Lusitano Reyno, de que Deos em o campo Ourique foi o Edificador primeiro, declarãdo-se ao nosso primeiro Rey por Edificador dos Imperios : *Ego Ædificator Imperiorum sum.* E com muito mayor gloria edificou a nossa Rainha a Regia Casa de Portugal, do que aquella mulher, ou do que aquella Rainha, de quem affirma Salamaõ, que edifica a sua casa ; porque áquella dá-se só o nome de sabia ; *Sapiens mulier* ; porèm a nossa Rainha pelo seu nome, não só he sabia, senão a mesma sabedoria ; porque sabedoria, & *Sofia*, vem a ser hũa mesma cousa.

256 Para o que me parece, que vem cortadas de molde hũas mysteriosas palavras do proprio Salamaõ ; diz elle, que a sabedoria edificára hũa casa, que fundou em sete columnas : *Sapientia ædificavit sibi domum ; excidit columnas septem.* Se consultamos a Tertulliano, quem edificou a casa, responde, que foi Sofia : *Sophia ædificavit domum* : se inquirimos de Cornelio, & do nosso Portuguez Pinto, que significavaõ as columnas ; Cornelio assevera, que no sentido Anagogico as columnas saõ os filhos ; & Pinto diz, que no Allegorico as columnas saõ os Principes : *Per columnas significantur Principes.* Sofia, edificando hũa casa, que fundou em sete filhos Principes, quem he, ou quem póde ser ; senão a esclarecida, & Augusta Maria Sofia, que edificou como de novo a Casa de Portugal

Jurament.  
d'El Rey D.  
Afonf. Hé-  
riques.

Prov. cap. 9.  
n. 1.

Tertullian.

Cornel. hic.

Pint. in E-  
zechiel.

Portugal

Portugal em sete Principes soberanos, de que á sua fecundidade vivirá eternamente devedor o nosso Reyno?

257 O primeiro, o Principe D. JOAÕ FRANCISCO XAVIER JOSEPH ANTONIO, que nascendo em Lisboa aos 30. de Agosto de 1688. com 17. dias sómente de vida morreo aos 17. de Septembro do mesmo anno, podendo no seu fallecimento dizer-se, o q̃ no de outro Principe tambem Joaõ em o nome disse o Sá de Miranda, fallando poeticamente com a dureza do Fado:

*A nossa grande, & rica sorte estranha  
Tal enveja te fez, ô fado duro?*

Sá de Miranda. eleg. á morte do Principe D. Joaõ, filho d'El Rey D. Joaõ III.

O segundo, o Principe, que Deos guarde, D. JOAÕ FRANCISCO JOSEPH ANTONIO BENTO BERNARDO; que nasceo em Lisboa aos 22. de Outubro de 1689.

O terceiro, o Infante D. FRANCISCO XAVIER JOSEPH ANTONIO BENTO VRBANO; que nasceo em Lisboa aos 25. de Mayo de 1691.

O quarto, o Infante D. ANTONIO FRANCISCO XAVIER BENTO LEOPOLDO THEODOSIO HENRIQUE; que nasceo em Lisboa aos 15. de Março de 1695.

O quinto, a Infante D. THERESA MARIA FRANCISCA XAVIER JOSEPHA LEONOR; que nasceo em Lisboa aos 24. de Fevereiro de 1696.

O sexto, o Infante D. MANOEL JOSEPH IGNACIO FRANCISCO ANTONIO DOMINGOS CAETANO ESTEVAÕ BARTHOLOMEO; que nasceo em Lisboa a 3. de Agosto de 1697.

O septimo, a Infante D. FRANCISCA JOSEPHA; que nasceo em Lisboa aos 30. de Janeiro de 1699. Estes foraõ os sete Filhos, que a Divina beneficencia





o seu numero; porq̃ o numero senario, como moraliza Berchorio, se não he mais, não he menos perfeito, q̃ o septenario: *Senarius est numerus perfectus*. O lirio tem seis folhas; a pedra preciosa Iris tem seis angulos; o Candelabro, que allumiava o tabernaculo, tinha seis pennas, ou seis braços; os Serafins, que assistiaõ no throno a Deos, seis azas; o folio de Salamaõ, seis degraos: & os nossos excelsos Principes, saõ seis degraos porque este Reyno sobe á mayor altura; seis azas, com que voará á mais sublime eminencia; seis braços, em que está repartido o relucente Candelabro, com q̃ se acha este Reyno felizmente illustrado; seis angulos da Iris mais preciosa, & refulgente; & finalmente seis folhas daquelle lirio fragrante, a quem a natureza jurou Rey, dando-lhe Throno, & Cetro; Cetro de ouro em si, & Throno de esmeraldas ao pé.

259 Esta foi a felicidade, que em ser Mãy de taes Filhos logrou a nossa Rainha; mas não foi esta para ella a mayor felicidade; porque para o seu espirito não consistia a sua felicidade mayor em ser Mãy de muitos Filhos, senão em que fossem bons os Filhos, de que era Mãy; que este he o sentido, em que fallou Nazianzeno: *Mihi tamen maximum, & clarissimum esse videtur felicitas in filiis*. Para conseguir pois a felicidade de os ver bons, poz toda a applicaçã aos criar bem. Diz Democrito, que a criaçã dos filhos he cousa de muito perigo, & de muito custo; porque se succede bem, custa muito trabalho; & se mal, custa muita dor, & muito sentimento: *Periculosa res est educatio liberorum; nam, si res bene cedat, multum sollicitudinis, & curarum affert; si male, alios dolores necessarios parit*. Nam reparando porèm aquella amorosa Mãy no custo

Idem.

Exod. cap. 25.

Isai. cap. 6.

3. Reg. cap. 10.

Termin. in. Aq. b. h.

Secund. apud. Exod. in. ap. b. h.

Exod. cap. 25.

Nazianzen. epistol. ad Olimp.

Horat. lib. 1. l. 1.

Democrit.

Christ. in. e. mo. i. l. 1. m. T.

custo de tantos disvelos, ou nos disvelos de tanto custo, vigilante, solícita, & cuidadosa em nada se divertia, antes toda se occupava em a criação dos Filhos; como quem reconhecia, que he de tanta importancia a vigilancia dos Pays na educação dos Filhos, que ordinariamente são os filhos, o que querem que elles sejaõ os pays, como affirmou Terencio:

Terent. in  
Adelph.

*Ut quisque filium suum vult esse, ita est.*

Socrat. apud  
Erasm. in  
apoph.

Ecclef. cap.  
7. n. 25.

260 He tam necessaria a attençaõ á boa educação dos filhos, que os Athenienses de nada cuidavaõ tanto, como da sua criação; sendo precisa obrigação, como asseverou Socrates, de serem mais bem criados, os que são mais bem nascidos. He tam importante o conselho, que o dá o Espirito Santo: *Filii tibi sunt? erudi illos, & curva illos à pueritia illorum*: Fendes filhos? diz o Divino Oraculo; tratai muito do seu ensino, torcendo-os, & inclinando-os com os documentos desde os primeiros annos; porque a vara, q se não indireita em vergonhea, não se póde dirigir em ramo; se se não indireitar antes de crescer, depois de crescer, não se hade indireitar: a agua, que se não encaminha ao fahir da fonte em o regato, não se póde encaminhar depois de crescer a rio: & a vasilha, como advertio Horacio, conserva por muito tempo o saibo, & o resaiibo do liquor primeiro:

Horat. epist.  
1. ad Loliu.

*Quo semel est imbuta recens, servavit odorem*

*Testa diu.*

Chrysoft.  
hom. 9. in  
epistol. 1.  
Tim.

São os filhos as riquezas dos pays, como lhes chamou Chrysoftomo, & devem guardalos os pays cõ aquella vigilancia, com que se guardaõ as riquezas: *Magnum habemus, pretiosumque depositum filios: ingenti*

*illos*